

LARA PATRÍCIA DE LIMA CAVALCANTE

**USO DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS EM ESCOLAS PÚBLICAS: PERCEPÇÃO
E AÇÕES DOS PROFESSORES**

Brasília - DF, 2019

LARA PATRÍCIA DE LIMA CAVALCANTE

**USO DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS EM ESCOLAS PÚBLICAS: PERCEPÇÃO
E AÇÕES DOS PROFESSORES**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências e Tecnologias em Saúde.

Área de Concentração: Promoção prevenção e intervenção em saúde.

Linha de Pesquisa: Saúde, Funcionalidade, Ocupação e Cuidado.

Temática da linha: saúde pública, álcool e outras drogas.

Orientadora: Profa. Dra. Andrea Donatti Gallassi

Brasília – DF, 2019

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Du

DE LIMA CAVALCANTE, LARA PATRICIA

USO DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS EM ESCOLAS PÚBLICAS:
PERCEPÇÃO E AÇÕES DOS PROFESSORES / LARA PATRICIA DE LIMA

CAVALCANTE; orientador ANDREA DONATTI GALLASSI. -- Brasília,
2019.

75 p.

1. docentes. 2. drogas. 3. estudantes. I. DONATTI
GALLASSI, ANDREA, orient. II. Título.

LARA PATRICIA DE LIMA CAVALCANTE

**USO DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS EM ESCOLAS PÚBLICAS: PERCEPÇÃO
E AÇÕES DOS PROFESSORES**

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do Título de Mestre no Programa de
Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias em
Saúde.

BANCA EXAMINADORA

Professora Doutora Andrea Donatti Gallassi
Presidente – Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias em
Saúde/UnB

Professora Doutora Flávia Mazitelli de Oliveira
Examinadora Externa - Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias em
Saúde/UnB

Professora Doutora Sílvia Maria Ferreira Guimarães
Examinadora Interna - Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias em
Saúde/UnB

Professor Doutor Alexis Fonseca Gomes
Suplente - Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias em Saúde/UnB

AGRADECIMENTOS

Primeiramente meu agradecimento a DEUS, por segurar minha mão em todos os momentos difíceis e por colocar pessoas tão especiais a meu lado, sem as quais certamente não teria conseguido!

Aos meus pais, Ângela e Francisco, meu infinito agradecimento. Sempre acreditaram em minha capacidade muitas vezes sem que eu acreditasse, me incentivaram e investiram em minha educação por tantos anos. Isso só me fortaleceu e me fez tentar fazer o melhor de mim. Obrigada pelo amor incondicional!

Ao meu querido esposo, Rodolpho Leite, por ser tão importante na minha vida. Sempre a meu lado, me pondo para cima e me fazendo acreditar que posso mais que imagino. Devido a seu companheirismo, amizade, paciência, compreensão, apoio, alegria e amor, este trabalho pôde ser concretizado. Obrigada por ter feito do meu sonho o nosso sonho!

Ao meu filho ou filha que aguentou comigo essa reta final do mestrado ainda no ventre e no início dos primeiros meses de sua vida. Obrigada pela sorte de ser sua mãe, você é meu amuleto e presente precioso de Deus. Mamãe Te Ama!

Aos meus irmãos, Dante e Valter, e a meu sobrinho João Lucas meu agradecimento especial, pois, a seu modo, sempre se orgulharam de mim e confiaram em meu trabalho. Obrigada pela confiança!

À minha professora orientadora Dr^a. Andrea Donatti Gallassi, por ter estado ao meu lado em toda essa caminhada, me amparando, acolhendo, estimulando. Ter a oportunidade de ter sido sua orientanda foi, para mim, mais que uma experiência acadêmica, foi uma experiência de vida.

Aos meus tios, tias, primos e primas, especialmente tia Anunciada e tio José Cavalcante, aos primos Mônica e Bruno e todos os familiares do Gama – DF: Amélia, Joana D'arc, Julia, Rodrigo, Laércio e Livia que me acolheram todos os finais de semana em sua residência, recarregando minhas baterias, com o intuito de que meus dias não fossem tão tristes por estar distante da minha família do Piauí.

Aos meus amigos de Águas Lindas de Goiás: Dirceu, Camila Estéfano, Mariana, Leandro, Hélio, Kélvia, Herick, Ana, Larisse, Gustavo, Lucas e Marcos que vibraram comigo, desde a aprovação na seleção e que fazem da minha estadia nessa cidade, mesmo longe da minha casa, sempre dias mais doces e leves. Obrigada pela força! Em especial Às minhas amigas Aline, Flávia e Fernanda por só quererem o meu

bem e me valorizarem tanto como pessoa, me darem forças quando tudo parecia perdido. Obrigada pela amizade, vocês moram no meu coração.

À querida Paula Hermann que me incentivou desde o início, que acreditou em mim mesmo quando eu não acreditava, por me auxiliar na seleção do mestrado, nas correções da dissertação e por adoçar minha vida com bolos de chocolate maravilhosos, além do exemplo como professora, mostrando que a docência pode ser, simultaneamente, uma referência de competência e simplicidade.

À minha amiga linda Hellen Daameche, que conheci no primeiro dia de aula da UnB, onde fizemos a duplinha que não se separou mais. Muito obrigada por viver tantas aventuras, correrias e, acima de tudo, alegrias dentro e fora da instituição, você é luz, te adoro.

Ao Instituto Federal de Goiás campus Águas Lindas, espaço no qual tenho aprendido a viver com as diferenças, cooperar e aprender com meus colegas e estudantes, obrigada pelas trocas acadêmicas e pessoais. Em especial o discente Wallace da Silva que sempre me apoiou nos projetos institucionais, foi meu monitor de disciplinas e eventos, e para a dissertação percorreu comigo as Escolas participantes dessa pesquisa, meu muito obrigada.

E por fim, a todos os professores e demais servidores das Escolas participantes dessa pesquisa que despenderam seu tempo, conhecimentos e experiências para colaborar com ela, a troca foi mútua, muito obrigada.

“Dedico esse trabalho com todo amor e gratidão as minhas avós, Francisca Bezerra e Maria Amélia (*in memoriam*), que foram exemplos de caráter e dignidade”.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
1.1	ADOLESCÊNCIA E O ACESSO À EDUCAÇÃO	15
1.2	USO DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS ENTRE ADOLESCENTES.....	17
1.3	IMPORTÂNCIA DA ESCOLA E DO PROFESSOR PARA FORMAÇÃO DOS ADOLESCENTES	19
2	OBJETIVOS	24
2.1	GERAL	24
2.2	ESPECÍFICOS	24
3	METODOLOGIA	24
3.2	LOCAL DO ESTUDO	24
3.4	PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS	26
3.5	ANÁLISE DE DADOS	30
3.6	CRITÉRIOS ÉTICOS	32
4	RESULTADOS.....	32
4.1	Formação docente: capacitação para lidar com estudantes que fazem o uso de álcool e outras drogas.....	36
4.2	Atitude dos professores diante dos estudantes que faziam uso de álcool e outras drogas	37
4.3	Opinião dos professores em relação aos fatores (motivo, causa, razão) para seus estudantes utilizarem álcool e outras drogas	39
4.5	Reconhecimento do tipo de droga por meio do comportamento do estudante 42	
4.6	Opinião dos professores em relação aos estudantes que fazem uso de álcool e outras drogas e da possibilidade de desenvolverem um quadro de dependência no futuro	43
4.7	Opinião dos professores sobre o desempenho do estudante que faz uso de álcool e outras drogas em comparação aos demais estudantes dentro da prática pedagógica	44
4.8	Percepção dos professores na prática de sala de aula sobre os estudantes que utilizam álcool e outras drogas.....	44
4.9	Ações já realizadas na escola para a prevenção do uso de álcool e outras drogas	46
4.10	Conduta da escola frente a identificação do estudante que faz uso de álcool e outras drogas	47
5	DISCUSSÃO	48
5.1	PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DOS PROFESSORES.....	48

5.2	JULGAMENTO DOS PROFESSORES SOBRE O USO DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS POR ADOLECENTES	51
5.3	ANÁLISE DO DISCURSO DOS PROFESSORES	52
6	LIMITAÇÕES DO ESTUDO	59
7	CONCLUSÃO	59
8	OBSERVAÇÕES SOBRE CAMPO DE COLETA DE DADOS	62
	REFERÊNCIAS	63
	APÊNDICE A	70

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Dados Sociodemográficos em termos de frequência e porcentagem dos participantes do estudo (N = 91).....	31
Tabela 2 Total de participantes na pesquisa por Escola.....	32
Tabela 3 Distribuição de disciplinas ministradas pelos docentes.....	32
Tabela 4 Julgamento dos professores com relação aos estudantes que usam álcool e outras drogas.....	33
Tabela 5 Resultados do teste qui-quadrado associando dados de julgamento com a escolaridade.....	34
Tabela 6 Resultados do teste qui-quadrado associando dados de julgamento com a idade.....	34
Tabela 7 Resultados do teste qui-quadrado associando dados de julgamento com a sexo.....	35

LISTA DE ANEXOS

Anexo C Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa.....	71
---	----

LISTA DE NOMENCLATURAS E ABREVIações

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CEBRID	Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas
CODEPLAN	Companhia de Planejamento do Distrito Federal
DARE	Drug Abuse Resistance Education
DF	Distrito Federal
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
OBID	Observatório Brasileiro de Informações Sobre Drogas
OCDE	A Organização para a Cooperação do Desenvolvimento Econômico
OMS	Organização Mundial da Saúde
OPAS	Organização Pan-Americana da Saúde
PeNSE	Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar
PNE	Plano Nacional de Educação
PRODEQUI/UnB	Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura, do Instituto de Psicologia da UnB
PROERD	Programa Educacional de Resistência às Drogas
PSE	Programa Saúde na Escola
SEDUCE	Secretaria de Estado de Educação, Cultura, Esporte
SEEDF	Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal
SENAD	Secretaria Nacional de Álcool e outras Drogas
UNIAD	Unidade de Pesquisa de Álcool e outras Drogas
UNODC	Nações Unidas sobre Drogas e Crimes

USO DE ALCOOL E OUTRAS DROGAS EM ESCOLAS PÚBLICAS: PERCEPÇÕES E AÇÕES DOS PROFESSORES

RESUMO

INTRODUÇÃO: As escolas têm vivenciado um aumento da agressividade e violência por parte dos estudantes o que algumas vezes é atribuído ao uso de álcool e outras drogas. Para ampliar a compreensão sobre prevenção no ambiente escolar é necessário conhecermos as ideias, valores, sentimentos e a visão de mundo que os professores possuem em relação a essa temática. **OBJETIVO:** Analisar e descrever percepções e ações dos professores quanto ao uso de álcool e outras drogas de estudantes do ensino médio de escolas públicas. **METODOLOGIA:** Trata-se de um estudo do tipo misto, com abordagem quantitativa e qualitativa realizado em 11 unidades escolares públicas estaduais da cidade de Águas Lindas de Goiás - GO. O instrumento utilizado foi do tipo estruturado dividido em três partes: sociodemográficos, opinião dos professores e dados de julgamento. **RESULTADOS:** A amostra foi de 91 professores, em sua maioria do sexo masculino (57,1%), com média de idade de 37,2 anos, todos com graduação e a maioria (75,8%) com vínculo temporário, com faixa salarial de até 4 salários mínimos. Esses não se sentem capacitados para lidar com estudantes que fazem uso de drogas. Quando identificam estudantes em uso de álcool e outras drogas, os encaminham para a coordenação pedagógica. Acreditam que os estudantes serão dependentes dessas substâncias no futuro, que são moralmente fracos, têm alguma doença, poderiam cometer delitos na família, que são influenciados para o início do uso de álcool e outras drogas por amigos e pela desestrutura familiar. A prevenção nas escolas acontece através de palestras. Em contrapartida, os docentes acham que esses estudantes são tão importantes quanto qualquer outra pessoa. **CONCLUSÃO:** O conhecimento dos professores sobre álcool e outras drogas e seus efeitos é incipiente, com repercussões na tomada de decisões e ações frente aos estudantes no uso dessas substâncias. A ausência de prevenção e diálogo, traz consequências para a estruturação da escola e do trabalho pedagógico do professor, manifestando-se, sobretudo, na negação da necessidade desse trabalho.

Palavras – Chave: docentes; drogas; estudantes

ABSTRACT

INTRODUCTION: Schools have been experiencing an increase in aggression and violence by students which is attributed to alcohol and other types of drugs usage. In order to raise awareness about prevention on the school environment education it is required to know the ideas, values, feelings and a vision of world that teachers have regarding this subject. **OBJECTIVE:** To analyze and describe perceptions and actions about the use of alcohol and other drugs by public high school students. **METHODOLOGY:** This is a mixed-type study, with a quantitative and qualitative approach carried out in 11 state public school units in the city of Aguas Lindas de Goiás - GO. The instrument that was used corresponds to a structured type divided in three parts: sociodemographic, the opinion of the teachers and judgement data. **RESULTS:** The sample consisted of 91 teachers, mostly male (57.1%), with an average age of 37.2 years, most of them with temporary employment contract (75.8%), earning up to 4 times the minimum wage. They do not feel prepared to deal with students who use drugs. When they identify students using alcohol and other drugs, they send them to pedagogical coordination. They believe that these students will be dependant of these substances in the future and that they are morally weak, have some kind of disease, could be committing crimes against their family, are influenced to start using alcohol and other drugs by friends and family disruption. Prevention on schools occur through lectures. In contrast to that, teachers feel that these students are just as important as any other person. **CONCLUSION:** Teachers' knowledge about the use of alcohol and other drugs and their negative effects is incipient, with an impact on decision making and actions towards students, on the usage of these substances. The absence of prevention and dialogue, brings consequences for the structuring of the school and the pedagogical work of teachers, manifesting itself, above all, in the denial of the need for this type of work.

Key words: School Teachers; Drug; Students

1 INTRODUÇÃO

Na sociedade o uso de álcool e outras drogas são substâncias de grande consumo entre as pessoas, no meio desses consumidores estão os adolescentes em idade escolar.

A escola é um ambiente que acompanha as transformações dos adolescentes e o acesso deles ao uso de álcool e outras drogas. Sendo assim, mesmo que na escola não haja um problema eminente relacionado ao uso de álcool e outras drogas, não se pode ignorar o tema. Quando pensando nesse assunto não é possível deixar de fora os professores onde os desafios diários são grandes em relação a temática. Mas, quando enfrentado de forma coletivamente, é possível ajudar os alunos a refletir e a se posicionar de maneira crítica em relação a ao uso de álcool e outras drogas, fazendo escolhas conscientes.

Nesse sentido, destaca-se que o foco da prevenção é a pessoa, não a droga. Por isso, a importância de os pais/mães conhecerem de fato seus filhos e filhas, bem como as professoras e professores interessarem-se pelo universo das histórias de vida dos estudantes, contextualizando os conteúdos da aprendizagem e variando as situações de aprendizagem.

Diante disso essa pesquisa buscou perceber qual a percepção dos professores sobre esses alunos que fazem uso de álcool e outras drogas em uma cidade com altos índices de vulnerabilidade e entender a forma com a qual o assunto “drogas” é tratado na escola para esse público tão específico como os adolescentes.

1.1 ADOLESCÊNCIA E O ACESSO À EDUCAÇÃO

De acordo com o Ministério da Saúde (MS), a adolescência corresponde à faixa etária entre 10 e 20 anos – conforme critério definido pela Organização Mundial da Saúde (OMS) – e consiste em um processo de emancipação afetado por diversos fatores nos quais atitudes, hábitos e comportamentos se encontram em transformação (1). Os primeiros contatos com o álcool e as outras drogas (2) ocorrem, geralmente, durante esse período, no qual as estruturas cerebrais responsáveis pela percepção temporal (3), pelo controle de impulsos estão ainda em amadurecimento, e o uso pode acontecer simultaneamente a outros entorpecentes (4).

A adolescência tem sido descrita como uma fase entre a infância e a vida adulta, importante para o ciclo vital, em que ocorrem importantes transformações, a saber: físicas, cognitivas, sociais e psicológicas, resultantes de ajustamento dos sujeitos às construções históricas e sociais (5). Nesta fase são esperadas dúvidas, conflitos, o distanciamento da

família, com conseqüente conquista de novos espaços, e a possibilidade de identificação com outros grupos. Esta última característica possibilita a aproximação dos adolescentes ao esporte, ao trabalho, às artes e aos estudos, como também aos grupos imersos em fenômenos sociais que agravam a vulnerabilidade social, como o uso de álcool e outras drogas e as práticas de violência (6).

Neste aspecto, alguns fatores podem contribuir para a proteção desse grupo por aumentarem a capacidade de resiliência e amenizarem a vulnerabilidade social, com evidência ao acompanhamento familiar, a inserção em mecanismos sociais de desenvolvimento, como a escola, o esporte e a participação efetiva nos ambientes de saúde. Assim, abordagens preventivas junto aos adolescentes configuram-se um desafio para aqueles que trabalham e procuram a motivação para a prevenção e a educação em saúde (5). O adolescente necessita debater as razões da utilização de condutas preventivas e desenvolver a resiliência contra os fenômenos sociais que os vulnerabilizam. Isto só é possível mediante práticas que promovam o diálogo, a problematização e sejam construídas intersetorialmente (7)(8).

Para que essas propostas tenham eficiência e eficácia, é necessário que, além da presença dessas temáticas nos Projetos Políticos Pedagógicos, os assuntos façam parte do cotidiano escolar e se insiram efetivamente no currículo formal das instituições de ensino. Essas, por sua vez, subsidiadas pelo bom relacionamento entre os atores da realidade escolar, favorecendo a comunicação, a melhoria do clima no ambiente da escola e da convivência, permitindo a cada um expor o que pensa e sente, levando a solução de problemas. Afinal, a comunidade e a convivência escolar são dinâmicas (9).

A Constituição Federal do Brasil assegura, em seu artigo 6º, a educação como um dos direitos sociais. Posteriormente, em seu artigo 205, determina que a educação é dever do Estado e da família, devendo ser estimulada com a colaboração da sociedade, para que o indivíduo tenha desenvolvimento pleno, exerça a cidadania e seja qualificado para o trabalho (10).

A Carta Magna estabeleceu ainda a obrigatoriedade da oferta da educação básica e gratuita dos 4 aos 17 anos de idade, devendo ser esta oferecida também àqueles que não tiveram acesso a ela nesta faixa etária (10). Posteriormente, em 1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) reafirmou em seu artigo 53 o direito das crianças e adolescentes à educação, sendo dever da família, da comunidade, da sociedade e do poder público assegurá-lo(11)

Posteriormente, em seu artigo 205, determina que a educação é dever do Estado e da família, devendo ser estimulada com a colaboração da sociedade, para que o indivíduo tenha desenvolvimento pleno, exerça a cidadania e seja qualificado para o trabalho (11).

Em 1996 a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB (Lei 9394/96) estabeleceu a educação como o conjunto de processos formativos que são desenvolvidos em âmbito familiar, na convivência, no trabalho, em instituições de ensino, em movimentos sociais e manifestações culturais. Em 2014, a Lei 13.005 estabeleceu o Plano Nacional de Educação (PNE) (12), a qual propôs metas e estratégias para a educação, entre elas a universalização do ensino fundamental, promovendo a busca ativa das crianças e adolescentes que estão fora da escola; a universalização da educação para os indivíduos com idade entre 15 e 17 anos, implementando políticas de prevenção à evasão escolar; entre outra.

Em que pese a Legislação Brasileira assegurar a educação como direito social fundamental, ainda são altas as taxas de evasão escolar e da falta de acesso à educação. Dessa forma, é fundamental que se estimule a participação das famílias e da comunidade na escola, bem como que a formação dos docentes seja orientada para estimular que os adolescentes permaneçam na escola, mesmo nos casos marcados por altas taxas de vulnerabilidade social.

1.2 USO DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS ENTRE ADOLESCENTES

O uso de álcool e outras drogas entre adolescentes tem gerado problemas, tanto sociais como no âmbito da saúde (13–15). As estatísticas da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) demonstram que, entre os problemas sociais e de saúde envolvendo o consumo de bebidas alcoólicas, incluem-se acidentes e mortes no trânsito, homicídios, quedas, queimaduras, afogamento e suicídio (16). Tais dados revelam a magnitude do problema para as diferentes esferas da sociedade, entre essas o setor de saúde, principalmente diante da constatação de que 25% de todas as mortes de jovens entre 15 e 19 anos são atribuídas ao álcool (17).

Em seu relatório mundial sobre drogas o Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crimes – UNODC (2018)(18) afirma que aproximadamente, em 2015, cerca de 250 milhões de pessoas usavam drogas. No Brasil, de acordo com o último levantamento epidemiológico realizado pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (19), entre estudantes brasileiros de ensino fundamental II e médio, 42,4% e 9,6% deles relataram já terem feito uso de álcool e tabaco, respectivamente. Em relação ao consumo de drogas ilícitas, 25,5% dos estudantes referiram terem experimentado pelo menos uma vez na vida substâncias como maconha, cocaína, alucinógenos, anfetaminas e inalantes.

Esse mesmo estudo (19) evidenciou que as primeiras drogas consumidas são as drogas lícitas (álcool e tabaco), sendo que a idade média de início do consumo de álcool entre adolescentes é de 13 anos e a de tabaco é de 13,3 anos.

Entre os adolescentes, o consumo de álcool e de outras drogas está classificado entre os principais responsáveis pelos anos de vida perdidos por incapacidade e morte precoce, de acordo com a classificação por *DALYs (Disability Adjusted Life Years)* (20). Olhando para as vulnerabilidades a maioria das pesquisas sugere que a adolescência precoce (12-14 anos), a tardia (15-17 anos) é um período de risco crítico para o início do uso de substâncias e pode atingir o pico entre os jovens (com idade entre 18 e 25 anos) (21).

Outro estudo nacional mostrou que 2% dos adolescentes no Brasil fizeram uso de cocaína no ano de 2010 (22). Quase metade dos usuários adultos (45%) experimentou cocaína pela primeira vez antes dos 18 anos de idade (22). Em relação ao uso de maconha, o estudo mostrou que 3% dos adolescentes, que equivalem a mais de 470 mil indivíduos, fizeram uso desta substância no último ano. Além disso, mais da metade dos usuários, tanto adultos quanto adolescentes, consome maconha diariamente (1,5 milhão de pessoas) e 62% deles experimentaram maconha antes dos 18 anos.

Para Águas Lindas de Goiás os dados ainda são desconhecidos, se comparado pela proximidade de Brasília as informações do VI levantamento Nacional sobre o uso de drogas entre a população de estudantes (23) descreve que apesar de 31,6% dos estudantes referirem uso na vida de alguma droga (exceto álcool e tabaco), apenas 13,5% referiu uso no último ano e 6,1% referiu uso no mês, com maiores proporções entre o gênero masculino. Entre os que relataram algum consumo, embora a maioria tivesse idade maior de 16 anos, também foram observados relatos na faixa entre 10 e 12 anos. Conforme análise do Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicótropas (CEBRID)(24), entre os anos de 2004 e 2010, foi observada uma redução no número de estudantes que relataram consumo de tabaco, tanto para os parâmetros de uso na vida quanto no ano. As principais alterações para o uso no ano envolveram aumento de uso de inalantes e cocaína.

O uso de álcool e outras drogas entre os adolescentes tem sido associado a diversas consequências negativas, entre as quais os problemas escolares (25). Tanto estudos nacionais quanto internacionais têm mostrado que faltas, repetências, evasão escolar, dificuldade de aprendizagem e pouco comprometimento com essas atividades estão associados ao uso de álcool, tabaco e drogas ilícitas entre os adolescentes (26).

Pela legislação brasileira, a venda e o consumo de bebidas alcoólicas são proibidos para menores de 18 anos, mas os números mostram que a prática é bastante difundida. O problema é ainda mais preocupante entre as meninas, com 56,1% delas já tendo

experimentado álcool contra 54,8% dos meninos. Em termos regionais, a questão é mais preocupante no Sul, onde 65,9% dos entrevistados relatam já terem bebido (27).

A forma mais comum de se conseguir bebidas são as festas, apontadas por 43,8% dos adolescentes que já consumiram álcool, mas 17,8% deles revelaram ter conseguido bebidas com amigos; 14,4% compraram em mercado, loja ou bar; e 9,4% conseguiram a bebida com alguém da própria família (28).

Em contrapartida, o uso de drogas e a convivência com a violência podem ser influenciados no próprio seio familiar, principalmente pelos pais. Outras condições como a falta de integração em atividades escolares, a violência, pressão de pares, promiscuidade, a necessidade de integração social, a necessidade de melhora da autoestima e independência, conduzem o sujeito adolescente aos comportamentos vulneráveis, às drogas e à violência, fenômenos de interesse para a saúde e para a educação (29).

1.3 IMPORTÂNCIA DA ESCOLA E DO PROFESSOR PARA FORMAÇÃO DOS ADOLESCENTES

A vulnerabilidade social é preocupação de diferentes áreas, desde a saúde a movimentos sociais, identificar grupos em situações de risco exige considerar diversos aspectos e variáveis, dentre elas variáveis sociais, culturais e psicológicas. A identificação de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade escolar possibilita a construção de estratégias para lidar com essa situação problema (33).

O processo de aprendizagem da criança inicia antes de ela ir para a escola, por isso é importante um ambiente no qual a aprendizagem seja favorecida, onde os adultos incentivem as crianças a estudarem. No entanto, em comunidades vulneráveis são poucas as famílias que têm a possibilidade de dispor de materiais educativos, tempo e atenção para as crianças (34,35).

A grande extensão das jornadas de trabalho reduziu o tempo de que os pais dispõem para os filhos, mais do que suprir suas necessidades fisiológicas, as crianças necessitam de afeto e atenção. Desta forma, na ausência de tempo dos pais, as crianças e adolescentes tem seu amadurecimento prejudicado (36). Além disso, apresentam dificuldades em seu aprendizado, como consequência da precarização das relações (32).

As vivências familiares dessas crianças e adolescentes afetam de alguma forma sua vida na escola, pois a falta de recursos materiais mínimos para sobrevivência, muitas vezes estimulam a inserção precoce no mundo do trabalho; existindo a exploração do trabalho infantil e um alto índice de reprovação e evasão escolar. Como consequência, eles acabam não tendo perspectivas profissionais e um projeto para o futuro (18).

Se a condição de vulnerabilidade persiste após o ingresso do adolescente em uma instituição de ensino, outras consequências serão observadas, como o baixo desempenho, a dificuldade em se relacionar, a falta de tempo para dedicar-se aos estudos, as complicações psicológicas e a evasão escolar (36). Desta forma, é fundamental que a influência da vulnerabilidade social na escola seja reconhecida pela equipe pedagógica, e que esta interfira nessa condição.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) constituídos pelo Ministério da Educação (MEC) tem o propósito de trabalhar temas transversais e colaborar com a diminuição das vulnerabilidades (30). Dentre estes temas encontramos a prevenção do uso de álcool e outras drogas. Deste modo, baseando-se na BNCC é coerente que o ambiente escolar promova ensino integral da criança e ao adolescente, e discuta contextos de promoção e prevenção. Assim, promoverá a integração da saúde no ambiente escolar, como preconizado pela BNCC.

Nas escolas onde existe o diálogo entre estudantes e gestão, existe o estímulo à comunicação, que interfere positivamente no aprendizado e no amadurecimento desses estudantes enquanto cidadãos (31).

Nesse cenário a escola pode cumprir seu papel também na reelaboração crítica e reflexiva da cultura dominante, sendo iniciada a busca pela formação do “eu” desses jovens, possibilitando aos estudantes compreenderem os processos aos quais estão expostos e motivando-os a procurar por transformações (32).

Por outro lado, as instituições de ensino têm vivenciado um aumento da agressividade e violência (33). Devido a facilidade de acesso de álcool e outras drogas também estar associado com situações de violência e bullying no ambiente escolar para ambos sexos; além disso, aqueles que usam podem estar menos predispostos ao estudo e serem mais desatentos (34). A Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar – PeNSE ao investigar informações que permitem conhecer e dimensionar os fatores de risco e proteção à saúde dos adolescentes, apontou que 8,7% dos escolares relataram já ter experimentado alguma droga ilícita na vida (35).

O ambiente escolar é visto como um agente transformador (36). Quando ele não é capaz de desenvolver esse papel associado às dificuldades familiares dos estudantes e à facilidade no acesso ao álcool e às outras drogas, produz uma sintonia de fatores que expõe o estudante ao uso destas substâncias. Cada adulto, familiar, profissional da saúde ou da educação, representante da comunidade, têm importante papel na orientação do adolescente oferecendo-lhe a oportunidade da informação, contribuindo para que se torne habilitado e capaz de cuidar de sua vida com qualidade (41).

Além disso, as drogas ilícitas estão se tornando cada vez mais parte de suas vivências nesta fase da vida. Devem-se incluir, de maneira curricular, informações sobre drogas e seus efeitos adversos, porém sabe-se que trabalhar com essas informações tem mais efetividade quando as mensagens estão integradas às experiências cotidianas dos adolescentes (42)

Apesar dessas condições favoráveis, os estabelecimentos de ensino estão com dificuldades para atuar na educação preventiva ao abuso de álcool e outras drogas, pois os professores, apesar de reconhecerem seu papel de formadores de opinião, não se sentem motivados ou preparados para trabalhar com o tema (35)(37).

Ações de prevenção reforçam a importância da Escola e do professor para os adolescentes visto que, a discussão desse tema dificilmente se limitará a uma aula (46), por isso, é preciso estar constantemente atento e preparado para conversar com os estudantes sobre os efeitos do consumo, e da importância de ter uma vida saudável. Trabalhar a questão das drogas na educação exige preparo e abertura.

No contexto apresentado, avaliar as atitudes dos professores pode ser uma ferramenta útil para se pensar na criação de formas efetivas de implementação de programas de prevenção ao uso de substâncias psicoativas em âmbito escolar, pois afeta substancialmente o tipo de trabalho desenvolvido por esses profissionais em sala de aula (43).

1.4 PREVENÇÃO DO USO DE DROGAS NO AMBIENTE ESCOLAR

Tendo em vista o consumo de drogas como uma das principais preocupações da sociedade (38), bem como a tendência global ao aumento do número de usuários de substâncias psicoativas entre adolescentes (39), fazem-se necessárias ações preventivas de enfoque educacional e informativo direcionadas a esse público alvo. Sousa (2017) (40) afirma que a escola sendo um ambiente de aprendizagem e socialização, mostra-se como um espaço ideal para a realização de atividades que estimulem os estudantes a optarem por viver de forma saudável.

Para ampliar a compreensão sobre prevenção no ambiente escolar, é necessário conhecermos as ideias, valores, sentimentos e a visão de mundo que os educadores possuem em relação às drogas, a seus usuários e ao papel da família e da escola. Para tanto, contamos com as contribuições da teoria das Representações Sociais (RS), definida como “uma forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada, tendo uma visão prática e concorrendo para construção de uma realidade comum a um conjunto social” (41). Enquanto o professor apresentar sentimentos negativos em relação às drogas, o que

provoca medo e distanciamento da função preventiva, será quase impossível que ele se comprometa com esse trabalho. Assim, os projetos de educação preventiva continuarão a apresentar dificuldades de implementação no âmbito escolar(38,42).

Estudos demonstram que predominam entre os educadores abordagens ligadas aos aspectos negativos e estigmatizantes, com foco no medo, o que prejudica a efetivação de ações preventivas (39,42). O relatório da Comissão Latino Americana sobre Drogas e Democracia também aponta que as políticas proibicionistas com foco na repressão ao tráfico, e na criminalização do consumo, não alcançaram os resultados esperados, afastando-se do objetivo proclamado de “erradicação das drogas” (39).

A estratégia de redução de danos tem sido uma das abordagens mais eficazes da saúde pública relacionada ao uso abusivo de álcool e outras drogas, porque visa à minimização dos problemas decorrentes do uso abusivo dessas substâncias ao invés de reprimir totalmente seu uso ou tentar eliminá-lo (43). Sodelli (44) destaca a aproximação entre a abordagem de redução de danos e a pedagogia dialógica de Paulo Freire, pontuando que aquela situa o sentido de prevenir diretamente relacionado ao de educar. Assim, sob essa ótica, a educação que possibilita aos estudantes aumento na criticidade, na autonomia e na capacidade de escolher é em si mesma preventiva.

A medição da mudança histórica e de desenvolvimento nas últimas quatro décadas tem sido uma das contribuições mais importantes do Monitoramento do Futuro, um estudo contínuo dos comportamentos, atitudes e valores dos estudantes de escolas secundárias norte americanas, envolvendo estudantes de faculdade e adultos jovens (45). Todos os anos, um total de aproximadamente 50.000 estudantes dos 8º, 10º e 12º anos são entrevistados (estudantes do 12º ano desde 1975, e estudantes do 8º e 10º anos desde 1991).

Esses dados auxiliam nos campos de uso de substâncias psicoativas na pesquisa, política e prevenção. Isso inclui medidas de mudança nos níveis de uso de drogas, nos tipos de drogas que estão sendo usados, nos métodos de usá-los, nas idades e características das pessoas que os utilizam, em atitudes e crenças relacionadas com o uso de drogas e em usar (46). Essas informações têm implicações significativas para as políticas públicas – para avaliação de necessidades, agenda definição, formulação de políticas e avaliação de políticas. Entretanto, geralmente tem implicações para a saúde atual e futura da nação (45).

O problema do uso de álcool e outras drogas é um tema fundamental para a saúde pública. Por isso, as políticas públicas no Brasil devem ter atenção em todos os seus níveis de promoção, prevenção e tratamento; desde a atenção primária até serviços especializados (47). Tais políticas devem se orientar por princípios como a garantia de direitos humanos, o

acesso aos mais qualificados métodos de tratamento e serem balizados por evidências científicas.

Nesse sentido, a OPAS/OMS e o UNODC enfatizam orientações contidas na resolução de 2016 da Sessão Especial da Assembleia Geral das Nações Unidas sobre Drogas, aprovada por consenso pelos Países-Membros da ONU. Algumas recomendações apontam para as seguintes direções: 1. a abordagem deve ser multilateral, com enfoque integrado, equilibrado, amplo e baseado em evidências, por meio da atenção adequada às pessoas e comunidades, para proteção da saúde; 2. no campo da saúde, é determinante que qualquer ação seja feita de forma voluntária e consentida por parte das pessoas que dela necessitam, de forma a prevenir a estigmatização e exclusão social e; 3. respeitar, proteger e promover todos os direitos humanos, as liberdades fundamentais e a dignidade inerente a todas as pessoas.

Nota-se que a carência de orientações apropriadas, sejam aquelas de responsabilidade da família ou da escola, podem proporcionar riscos físicos, psíquicos e sociais aos adolescentes. As instituições escolares são nesse contexto do cuidar e ensinar, colaboradoras na formação do caráter e construção da personalidade (40).

É por isso que a prevenção, neste campo, deve caminhar em direção à interrupção da sequência de fatores (chamados fatores de risco), que criam um contexto que pode levar ao uso por meio de medidas, tais como: fortalecer a capacidade de tomada de decisão, criar relações de confiança que facilitem com que se peça ajuda, compreender os sentidos do uso de drogas nas diferentes famílias e sociedades e avaliar criticamente as mensagens veiculadas nas diferentes mídias (48).

Leão, Ribeiro, Bedim (49), destacam a importância do trabalho preventivo na escola com integração entre os pais, professores, comunidade escolar e sociedade, sendo este um ambiente extremamente apropriado para o trabalho de discussão, construção e intervenção educativa que objetiva contrapor as vulnerabilidades dos escolares.

Nesse sentido, a educação e a saúde devem fortalecer vínculos para proporcionar à comunidade escolar o preparo e desenvolvimento de habilidades para a prevenção, instrumentalizando e promovendo o entendimento das necessidades dos estudantes, pois a deficiência de debate e reflexão crítica fortalece as vulnerabilidades dos adolescentes e jovens (40).

Por fim, reitera-se que no contexto comunitário, a vulnerabilidade se agrava na falta de integração em atividades escolares, pela violência nos ambientes de convivência social, pela pressão de pares, na necessidade de integração social, de melhora da autoestima e independência (29).

2 OBJETIVOS

2.1 GERAL

Analisar e descrever percepções e ações dos professores quanto ao uso de álcool e outras drogas de estudantes do ensino médio de escolas públicas da cidade de Águas Lindas de Goiás – GO localizada na região metropolitana de Brasília – DF, antiga RIDE-DF.

2.2 ESPECÍFICOS

- Verificar o perfil sócio demográfico dos professores;
- Identificar o conhecimento dos professores sobre álcool e outras drogas e seus efeitos;
- Analisar a percepção dos professores em relação aos estudantes usuários de álcool e outras drogas;
- Conhecer as ações de prevenção do uso de álcool e outras drogas realizadas na escola.

3 METODOLOGIA

3.1 DELINEAMENTO DO ESTUDO

Trata-se do estudo com abordagem mista, qualitativa e quantitativa, realizado por meio de entrevista estruturada dividida em três partes no mesmo roteiro para entrevista: 1. dados sociodemográfico; 2. Perguntas sobre a percepção dos professores sobre os alunos que utilizam álcool e outras drogas e 3. Perguntas objetivas como respostas do tipo Likert com as alternativas “provavelmente sim”, “não tenho certeza” e “Provavelmente não”. O roteiro para entrevista possuiu vistas ao aprofundamento na análise das percepções dos professores em relação a estudantes de escolas públicas do ensino médio que utilizam álcool e outras drogas.

3.2 LOCAL DO ESTUDO

A proposta inicial do estudo era contemplar todas as escolas públicas de ensino médio do município de Águas Lindas de Goiás, no total de 17. Durante a coleta das assinaturas dos termos de instituições participantes, mesmo com a autorização do

Coordenação Regional Estadual de Educação, apenas 11 diretores das escolas concordaram em participar do estudo. Os motivos relatados por eles para não participação foram, em geral, que haveriam novas eleições e logo, trocas de diretores para a época que seria realizada a coleta de dados, não podendo, segundo eles, autorizar procedimento para uma nova gestão.

O município de Águas Lindas de Goiás, localizado na Mesorregião Leste Goiano e, na escala micro, concentra grande contingente populacional. Segundo dados do relatório de estudo produzido pelo Observatório do Mundo do Trabalho 2013, a atual Região Metropolitana Microrregião do entorno do Distrito Federal (DF) “concentra em torno de 90% da população da Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno (RIDE) dos empregos formais, do total de estudantes matriculados nas redes de ensino federal, estadual, municipal e particular” (1).

A dependência do município com o DF está expressa nos dados da Companhia de Planejamento do Distrito Federal (CODEPLAN), os quais apontam que 36% da população da Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno (RIDE) trabalhava no DF (2).

Neste sentido, o Observatório do Mundo do Trabalho ressalta que o crescimento da região do Entorno se deu focado na construção e consolidação de Brasília. Dessa forma, os municípios limítrofes a Águas Lindas de Goiás não exercem influência significativa sobre este no que diz respeito aos aspectos econômicos, sociais, políticos e educacionais, visto que o Distrito Federal assume tal posição (50).

O município apresenta Índice de Gini em 0,45. Tal índice mede o grau de concentração de renda, cujo valor varia de zero (a perfeita igualdade) até um (a desigualdade máxima), configurando o município com baixas condições socioeconômicas. Mostra também Índice de Vulnerabilidade Juvenil de 46,11, que assume valores entre 0 e 100 (4). Por fim, as condições socioeconômicas da população conduziram o município a compor um dos municípios mais violentos do Brasil e uma das mais violentas de Goiás e do entorno do Distrito Federal (5).

Atualmente, apresenta população majoritariamente urbana estimada em 207.070 habitantes para o ano de 2017 segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (5).

Ainda, segundo o IBGE (2017) (4) quando falamos de educação, o município possui 17 escolas estaduais que ofertam ensino médio localizadas em sua área urbana com um total de 6.020 estudantes matriculados no Ensino Médio, contando com 322 docentes que atuam no Ensino Médio. A população de 15 a 19 anos corresponde a 15.770. Nessa mesma faixa etária apresenta dados expressivos de 5.552 adolescentes que não frequentam a

escola.

Em 2016, estimava-se que o Brasil tenha registrado a presença de 68 milhões de crianças e adolescentes entre zero e 19 anos de idade, sendo que mais de um terço deles se concentra na região Sudeste (6). Para a região Centro-Oeste esse número corresponde a 33,5% (7). Dentro desses índices ainda se destaca que a maioria dos municípios de todas as regiões não tem centros culturais, sendo que na região Centro-Oeste apenas um quarto dos municípios tem esses espaços, resultando no pior índice do país.

3.3 PARTICIPANTES DO ESTUDO

Do total de 193 professores das 11 escolas participantes, 91 (47,15%) participaram do estudo.

Os critérios de elegibilidade para participação no estudo foram serem professores efetivos por meio de concurso público, professores com contratos temporários de no mínimo um ano na instituição/estado de Goiás e aqueles que exerciam cargo de gestão dentro da escola. Foram excluídos aqueles em afastamento, licença ou férias.

3.4 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS

Os dados foram coletados nos meses de agosto, setembro e outubro de 2018, em duas etapas, conforme descritas a seguir:

Etapa I: Para a abordagem junto aos professores foram realizados encontros para explicar sobre a intencionalidade do projeto em datas pré-agendadas com a direção da escola, sendo cada um de aproximadamente uma hora. A identificação dos participantes ocorreu por meio de abordagem com descrição e objetivos da pesquisa e convite aos prováveis participantes dentre o corpo docente nas unidades escolares públicas.

Etapa II: Todos os professores que se enquadrassem no perfil e aceitassem participar do estudo, assinaram o TCLE (Termo de consentimento livre e esclarecido) e foram submetidos à entrevista com roteiro estruturado dividida em três partes.

As entrevistas estruturadas são elaboradas mediante questionário totalmente estruturado, ou seja, é aquela onde as perguntas são previamente formuladas e tem se o cuidado de não fugir a elas. O principal motivo deste zelo é a possibilidade de comparação com o mesmo conjunto de perguntas e que as diferenças devem refletir diferenças entre os respondentes e não diferença nas perguntas (51).

A primeira parte do instrumento para a coleta de dados foi elaborada com base na revisão da literatura, e aborda dados sociodemográficos, como idade, sexo, tempo de

atuação no ensino médio, tempo de contrato ou concurso no estado de Goiás, formação acadêmica, tempo de atuação profissional no Ensino médio e faixa de renda familiar.

A segunda parte correspondia a 11 perguntas relacionadas a percepção dos professores em relação aos estudantes que fazem uso de álcool e outras drogas.

Os critérios que nortearam a elaboração e escolha de cada uma das questões que compuseram o questionário seguem detalhados a seguir.

1. Durante sua formação como professor(a) você realizou capacitação para lidar com estudantes que fazem o uso de álcool e outras drogas?

Essa pergunta foi incluída com o intuito de saber se o docente em sua formação, por exemplo na matriz curricular da licenciatura, é preparado para lidar com o estudante que faz uso de álcool e outras drogas.

2. Durante a sua vida profissional como professor(a) você já ministrou aula para estudante(s) que faziam uso de álcool e outras drogas? *Se sim, qual foi sua atitude para com este(s) estudante(s)? Você o abordou para conversar?

Para que fosse possível identificar o quanto os educadores observavam situações de uso de álcool e outras drogas na escola foi inserida essa questão. Ela forneceu elementos capazes de demonstrar o quão atentos estão os docentes para a existência do fenômeno em âmbito escolar.

3. Na sua opinião, quais são os fatores (motivo, causa, razão) que levam os estudantes a utilizarem álcool e outras drogas?

Esse questionamento teve o interesse em saber quais os motivos na opinião do docente julga ser os fatores que fazem os estudantes a usarem drogas.

4. Na sua opinião, o que os estudantes buscam ao fazer uso de álcool e outras drogas?

Essa questão objetivou conhecer o que, na opinião do professor, seria o interesse do estudante ao usar álcool e outras drogas.

5. Você saberia identificar (por nome, tipo e atuação no Sistema Nervoso Central) as drogas, incluindo o álcool, que seus estudantes já utilizaram ou utilizam apenas observando o comportamento deles? Se sim, quais sinais e sintomas fizeram você chegar a essa conclusão?

Essa pergunta foi incluída com o objetivo de reconhecer se os professores sabiam identificar quando algum estudante estava sobre efeito de álcool e outras drogas.

6. Na sua opinião, você acredita que os estudantes que fazem uso de álcool e outras drogas serão dependentes da substância no futuro?

Diante de julgamentos pré-estabelecidos foi necessário conhecer como os professores julgam esses discentes.

7. Você considera que o comportamento do estudante que utiliza álcool e outras drogas difere dos demais estudantes dentro da prática pedagógica? Como você chegou a essa conclusão?

Para saber a distinção entre os estudantes que usavam álcool e outras drogas e os demais que não utilizam.

8. Na prática de sala de aula qual a sua percepção sobre os estudantes que utilizam álcool e outras drogas?

Essa questão era interessante, visto que ela supera o fato de conhecer ou não o fenômeno. Através dela era possível conhecer, efetivamente, o julgamento docente acerca do fenômeno.

9. Aqui na sua escola, quais ações já foram ou são realizadas para a prevenção do uso de álcool e outras drogas?

Esse questionamento foi incluído com o objetivo de saber a ações realizada para prevenção do uso de álcool e outras drogas nas escolas.

10. Quando algum estudante é identificado como usuário de álcool ou de outras drogas, qual é a conduta da escola em relação a ele?

A partir dessa questão se pretendia conhecer quais as intervenções que são realizadas pela escola no enfrentamento do uso de álcool e outras drogas, assim como quem realiza tais intervenções.

11. Você se sente capacitado(a) para conversar com o(s) estudante(s) que faz uso de álcool ou de outras drogas?

Essa questão foi inserida com objetivo similar a questão um, visto que buscava identificar o que os professores julgam como eficiente para a lidar com a situação. Entretanto, diferentemente da anterior, a questão atual busca uma ideia de intervenções ideais após capacitação.

A terceira parte foi constituída por cinco perguntas objetivas, sequencial as questões norteadoras, visando identificar o julgamento dos professores sobre os estudantes que fazem uso de álcool e outras drogas, com respostas do tipo Likert, com a seguintes opções: (0) Provavelmente sim, (1) Não tenho certeza e (2) Provavelmente não (APENDICE A – pagina 70). As questões que compuseram a referida narrativa foram:

12. Você acha que o(s) estudante(s) que faz(em) uso de álcool ou de outras drogas tem uma doença?

A questão aqui apresentada foi inserida a fim de proporcionar possibilidade de conhecer as formas pelas quais os docentes julgam um comportamento, sobretudo quando ele não é tão fácil de ser identificado.

13. Você acha que o(s) estudante(s) que faz(em) uso de álcool ou de outras drogas é moralmente fraco?

A segunda questão foi inserida em função de se trabalhar, também, com a moral. Através dessa indagação era possível identificar os julgamentos dos docentes acerca das vivências estudantis em torno do uso de álcool e outras drogas.

14. Você acha que o(s) estudante(s) que faz(em) uso de álcool ou de outras drogas é um perigo para a sociedade?

Esse questionário foi com a intenção de medir os estigmas que permeiam quem faz uso de álcool e outras drogas.

15. Você acha que o(s) estudante(s) que faz(em) uso de álcool ou de outras drogas é tão importante quanto qualquer outra pessoa?

A inclusão dessa pergunta foi com o objetivo de verificar o nível de importância que os mesmos davam aos estudantes.

16. Você acha que o(s) estudante(s) que faz(em) uso de álcool ou de outras drogas poderia cometer delitos a sua família?

Essa questão foi inserida com o objetivo de perceber a opinião dos professores em relação a possibilidade dos estudantes de cometerem delitos na família.

As entrevistas com os participantes aconteceram em sala reservada dentro da escola em que o professor trabalhava em data e horário pré-agendados e com um tempo médio de 30 minutos.

As entrevistas foram gravadas, transcritas e identificadas por um código alfanumérico de forma a não identificar os participantes. As unidades escolares participantes foram numeradas de 1(um) a 11 (onze) e identificadas com a letra "E", já os professores foram numerados de 1 (um) a 91 (noventa e um) na ordem de realização das entrevistas acompanhado da letra "P".

A aplicação do roteiro de entrevista se deu com a realização das perguntas pela pesquisadora e foi a primeira parte da coleta de dados. Assim que chegaram ao encontro, foi explicado, novamente, sobre a pesquisa e seus objetivos.

Nas entrevistas foram debatidos os conhecimentos dos professores sobre o assunto em que estavam sendo propostos e seu entendimento em relação às necessidades em que dos docentes estavam inseridos nesse processo. O conjunto de informações, percepções, opiniões, sentimentos e ações desenvolvidas, trazidas e discutidas no encontro corresponderam à dimensão cultural implicada no processo de formação profissional em educação e saúde a serem analisadas e interpretadas no campo teórico, pelos pressupostos científicos.

Os itens formulados foram posteriormente sujeitos a um processo de análise e seleção, qualitativa e quantitativa, durante o qual alguns itens foram reformulados ou eliminados. A análise qualitativa englobou dois procedimentos.

Foi aplicado um pré-teste (piloto) para uma amostra de 5 professores do ensino médio. No momento da aplicação do questionário foi-lhes pedido, não apenas que procedessem ao seu preenchimento respondendo às perguntas, mas também que exprimissem oralmente, as dúvidas ou outros comentários que este lhes poderia merecer.

Esta análise visou corrigir os itens que possam apresentar ambiguidades ou dificuldade de compreensão e detectar os erros de formulação que possam existir (40).

O instrumento final, aplicado aos participantes do estudo, está reproduzido no Apêndice A (pagina 79).

3.5 ANÁLISE DE DADOS

De posse das respostas dos sujeitos participantes da pesquisa, fez-se uma análise detalhada e criteriosa das respostas dos participantes, buscando relação entre os elementos extraídos e suas concepções e julgamentos.

Para as respostas às questões referentes ao questionário sociodemográfico e às questões objetivas, foi elaborado um banco de dados em planilha excel que depois foi exportado para análise no *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) versão 23.

Foi realizada análise descritiva por meio de medidas resumo e de tendência central (frequências absoluta e relativa, média e mediana) e medidas de dispersão (desvio padrão, mínimo e máximo). Para análise inferencial, após aplicação do teste de Kolmogorov Smirnov, foi verificado que o conjunto de dados não apresenta distribuição normal, assim foram feitos testes de Qui-Quadrado, adotando como significativos valores de $p \leq 0,05$.

As entrevistas foram transcritas e submetidas a uma análise categorial que procurou extrair as concepções implícitas acerca dos vários aspectos em estudo. O processo de análise foi realizado através da categorização das respostas subjetivas da entrevista para detectar grandes similaridades.

Neste estudo, esta técnica permitiu analisar e sistematizar o conteúdo das informações escritas pelos professores na entrevista, com o objetivo de elaborar categorias e classificações pertinentes para a construção e interpretação no campo conceitual.

As respostas foram agrupadas por tópicos pré-estruturados pelo próprio questionário, agrupando todas as falas dos sujeitos sobre determinado assunto em diferentes momentos da entrevista. Após este procedimento, foram impressos relatórios com todas as respostas

de cada pergunta individualmente para a elaboração das categorias e subcategorias e a seleção das unidades temáticas que melhor representassem a opinião dos sujeitos.

Em continuidade a esse processo de categorização, seguiu-se o critério semântico. Considerou-se que esta fase de redefinição de categorias e de definição de subcategorias de análise foi crucial, na medida em que permitiu simplificar o material recolhido e, desta forma, permitir fazer inferências sobre as mensagens cujas características foram inventariadas e sistematizadas, de modo a fazer uma interpretação dos dados obtidos.

Assim, buscou-se em todo momento identificar os conteúdos que eram passíveis de interpretação, textos obscuros que demandavam inferência ou mensagens com duplo sentido, cuja significação profunda surgiu depois de uma observação cuidadosa das falas de todos os participantes. Dentre as palavras que mais apareceram nos discursos foram, adolescentes, drogas, escola e família.

Diante dos dados as categorias desenvolvidas foram:

1. Formação docente: capacitação para lidar com estudantes que fazem o uso de álcool e outras drogas;
2. Atitude dos professores diante dos estudantes que faziam uso de álcool e outras drogas;
3. Opinião dos docentes em relação aos fatores (motivo, causa, razão) para seus estudantes utilizarem álcool e outras drogas;
4. Opinião dos professores sobre o que os estudantes buscam ao fazer uso de álcool e outras drogas;
5. Conhecimento dos professores sobre identificação (por nome, tipo e atuação no Sistema Nervoso Central) das drogas, incluindo o álcool apenas observando o comportamento dos estudantes;
6. Opinião dos professores em relação aos estudantes que fazem uso de álcool e outras drogas e da possibilidade de desenvolverem um quadro de dependência no futuro;
7. Opinião dos professores sobre o desempenho do estudante que faz uso de álcool e outras drogas em comparação aos demais estudantes dentro da prática pedagógica;
8. Percepção dos professores na prática de sala de aula sobre os estudantes que utilizam álcool e outras drogas;
9. Ações já realizadas na escola para a prevenção do uso de álcool e outras drogas;
10. Conduta da escola após identificação do estudante que faz uso de álcool e outras drogas.

Para uma melhor visualização dos dados devido a semelhança nas respostas durante as entrevistas duas perguntas do questionário foram agrupadas. Trata-se da pergunta nº11 e pergunta nº20, que relatam, respectivamente, sobre “Durante sua formação como docente

você realizou capacitação para lidar com estudantes que fazem o uso de álcool e outras drogas?” e “Você se sente capacitado(a) para conversar com o(s) estudante(s) que faz uso de álcool ou de outras drogas?”. Apesar de tratar-se de perguntas diferentes, os professores foram redundantes em suas respostas, permitindo a junção das duas categorias.

3.6 CRITÉRIOS ÉTICOS

Este estudo foi pautado na Resolução 510/2016, que foi aprovado pelo Comitê de Ética da Faculdade de Ceilândia da UnB sob o número 2.697.503/2018. Todos os participantes formalizaram a sua participação por meio da assinatura do TCLE.

4 RESULTADOS

A maioria dos participantes é do sexo masculino, com a média da idade de 37,2 (desvio-padrão de ± 9 anos), contratada como professores temporários de no mínimo um ano (75,8%) e recebe de 1 a 4 salários mínimos (44%). Entre o total de docentes, 47,3% possui apenas a graduação sem especialização e a minoria com mestrado/doutorado equivalente a 6,6% do total; 75,8% relataram que possui vínculo empregatício temporário com as escolas, conforme apresentado na Tabela 1.

Tabela 01 - Dados Sociodemográficos em termos de frequência e porcentagem dos participantes do estudo (N = 91)

		Total de Participantes	Porcentagem de Participantes	Média \pm Desvio Padrão	Mediana
Sexo	Masculino	52	57,1		
	Feminino	39	42,9		
Idade				37,2 (± 9)	36
Escolaridade	Graduação	43	47,3		
	Especialização	42	46,2		
	Mestrado/Doutorado	6	6,6		
Vínculo empregatício	Temporário	69	75,8		
	Concurso	22	24,2		
Tempo atuação no ensino médio				9,3 \pm 6,8	9
Tempo contrato/concurso				7 \pm 5,9	5
Renda mensal familiar	De 1 a 4 salários mínimos (até R\$3.816,00)	40	44,0		
	De 4 a 8 salários mínimos (até R\$ 7.632,00)	29	31,9		
	Mais de 8 salários mínimos	22	24,2		

Fonte: Dados da pesquisa

Observa-se que a escola 3 apresentou o maior número de participantes (18,7%) em comparação a escola 5 que possuiu apenas 2,2% (Tabela 2). Essa baixa resposta da escola 05 ocorreu devido a uma discussão entre professores e estudantes que resultou em uma abordagem policial dentro da escola e interrupção das atividades no dia da realização das entrevistas, impedindo a continuidade das atividades.

Tabela 02 – Total de participantes na pesquisa por Escola.

	Total de Participantes	Porcentagem de Participantes (%)
Escola 1	16	17,6
Escola 2	7	7,7
Escola 3	17	18,7
Escola 4	11	12,1
Escola 5	2	2,2
Escola 6	8	8,8
Escola 7	6	6,6
Escola 8	9	9,9
Escola 9	5	5,5
Escola 10	6	6,6
Escola 11	4	4,4
Total	91	100,0

Fonte: Banco de dados da pesquisa

Os professores, em sua maioria, ministram mais de uma disciplina na mesma escola, geralmente em áreas afins a formação inicial (Tabela 3). A disciplina ministrada por mais professores foi português (28,6%) e a ministrada por menor número de professores foi artes (3,35%). Ainda na Tabela 03, destaca-se que em uma das escolas um participante do estudo ministrava todas as aulas do ensino médio para dois estudantes Portadores de Necessidades Especiais (PNE). Essas atividades eram exercidas dentro da sala dos professores por esse professor com formação em pedagogia.

Tabela 03 – Distribuição de disciplinas ministradas pelos docentes

	Total de Participantes	Porcentagem de Participantes (%)
Português	26	28,6
Matemática	16	17,6
Geografia	14	14,4
História	13	14,3
Inglês	13	14,3
Física	10	11
Biologia	9	9,9
Química	9	9,9
Filosofia	7	7,7
Espanhol	6	6,6
Ensino Religioso	5	5,5
Sociologia	4	4,4
Educação Física	4	4,4
Artes	3	3,3
Pedagogia (estudante PNE)	1	1,1

Fonte: Banco de dados da pesquisa

A maioria dos participantes acredita que os estudantes que fazem uso de álcool e outras drogas não tem uma doença 61,5%, que eles são moralmente fracos (50,5%), são um perigo para a sociedade (47,3%) e poderia cometer delitos na sua família (97,8%). Por outro lado, a maioria dos professores acredita que os estudantes que usam álcool e outras drogas são tão importantes como qualquer outra pessoa (97,8%), conforme apresentado na Tabela 4.

Tabela 04 – Julgamento dos professores com relação aos estudantes que usam álcool e outras drogas.

Perguntas	Provavelmente sim		Não tenho certeza		Provavelmente não	
	Total	Porcentagem%	Total	Porcentagem%	Total	Porcentagem%
Você acha que o(s) estudante(s) que fazem uso de álcool ou de outras drogas tem uma doença?	18	19,8	17	18,7	56	61,5
Você acha que o(s) estudante(s) que fazem uso de álcool ou de outras drogas é moralmente fraco?	46	50,5	14	15,4	31	34,1
Você acha que o(s) estudante(s) que fazem uso de álcool ou de outras drogas é um perigo para a sociedade?	43	47,3	26	28,6	21	23,1
Você acha que o(s) estudante(s) que fazem uso de álcool ou de outras drogas é tão importante quanto qualquer outra pessoa?	89	97,8	2	22,2	0	0
Você acha que o(s) estudante(s) que fazem uso de álcool ou de outras drogas poderia cometer delitos a sua família?	89	97,8	2	22,2	0	0
TOTAL		100		100		100

Fonte: Banco de dados da pesquisa

Considerando os dados de julgamento em relação à escolaridade dos participantes da pesquisa, os resultados do teste de qui-quadrado indicam que não há associação entre essas respostas. Nesse sentido, a escolaridade do participante não influencia no tipo de julgamento (Tabela 5).

Tabela 5 – Resultados do teste qui-quadrado associando dados de julgamento com a escolaridade

	Valor	Graus de liberdade	Valor de p
Você acha que o(s) estudante(s) que fazem uso de álcool ou de outras drogas tem uma doença?	2,407	4	0,661
Você acha que o(s) estudante(s) que fazem uso de álcool ou de outras drogas é moralmente fraco?	3,954	4	0,412
Você acha que o(s) estudante(s) que fazem uso de álcool ou de outras drogas é um perigo para a sociedade?	2,767	4	0,598
Você acha que o(s) estudante(s) que fazem uso de álcool ou de outras drogas é tão importante quanto qualquer outra pessoa?	0,145	2	0,930
Você acha que o(s) estudante(s) que fazem uso de álcool ou de outras drogas poderia cometer delitos a sua família?	0,171	3	0,982

Fonte: Banco de dados da pesquisa

A idade do participante, para a maioria dos casos, também foi outra variável que não influenciou no tipo de julgamento (Tabela 6). Contudo, em relação ao julgamento dos estudantes que usam álcool/drogas serem tão importante quanto qualquer outra pessoa, houve diferença em relação a idade ($p = 0,05$), de forma que a ampla maioria considera que existe uniformidade entre pessoas que usam álcool ou drogas e pessoas que não usam. Ainda considerando essa questão, nenhum participante respondeu a alternativa “Provavelmente não”.

Tabela 6 – Resultados do teste qui-quadrado associando dados de julgamento com a idade

	Valor	Graus de liberdade	Valor de p
Você acha que o(s) estudante(s) que fazem uso de álcool ou de outras drogas tem uma doença?	8,343	4	0,080
Você acha que o(s) estudante(s) que fazem uso de álcool ou de outras drogas é moralmente fraco?	3,246	4	0,517
Você acha que o(s) estudante(s) que fazem uso de álcool ou de outras drogas é um perigo para a sociedade?	1,949	4	0,745
Você acha que o(s) estudante(s) que fazem uso de álcool ou de outras drogas é tão importante quanto qualquer outra pessoa?	6,046	2	0,050
Você acha que o(s) estudante(s) que fazem uso de álcool ou de outras drogas poderia cometer delitos a sua família?	4,207	2	0,122

Fonte: Banco de dados da pesquisa

Foi verificado também se o sexo dos participantes influenciou nos tipos de julgamento (Tabela 7), mas em nenhuma das questões houve diferenças em relação a essa variável.

Tabela 7 – Resultados do teste qui-quadrado associando dados de julgamento com a sexo

	Valor	Graus de liberdade	Valor de p
Você acha que o(s) estudante(s) que fazem uso de álcool ou de outras drogas tem uma doença?	0,772	2	0,680
Você acha que o(s) estudante(s) que fazem uso de álcool ou de outras drogas é moralmente fraco?	1,127	2	0,569
Você acha que o(s) estudante(s) que fazem uso de álcool ou de outras drogas é um perigo para a sociedade?	1,397	2	0,497
Você acha que o(s) estudante(s) que fazem uso de álcool ou de outras drogas é tão importante quanto qualquer outra pessoa?	1,534	1	0,216
Você acha que o(s) estudante(s) que fazem uso de álcool ou de outras drogas poderia cometer delitos a sua família?	1,534	1	0,216

Fonte: Banco de dados da pesquisa

A percepção dos professores em relação ao uso de álcool e outras drogas entre os estudantes foi analisada a partir das entrevistas por meio das questões abertas.

4.1 Formação docente: capacitação para lidar com estudantes que fazem o uso de álcool e outras drogas

Nas falas dos participantes, emergem um conjunto de significados da dinamicidade, tais como o senso comum e experiências agregadas, que se constitui na troca e no encontro com os conhecimentos científicos, quando se efetiva nas práticas do seu processo educativo. Os docentes apresentaram em seus relatos o que essa pergunta desencadeava neles por sentir que existia esse possível problema a ser enfrentado e que não pode ser resolvido como preparação na formação.

Dentre os participantes da pesquisa, os relatos demonstraram as dificuldades de uma formação voltada para trabalhar com os adolescentes e as suas especialidades/peculiaridades. Os discursos foram frequentes com manifestações de ausência de capacitação docente durante o processo formativo, isso incluía a graduação e pós-graduação em nível de mestrado e doutorado como referido nas falas que se seguem:

“Geralmente só o que a gente aprende nos cursos de aperfeiçoamento, que a gente consegue lidar e no cotidiano mesmo e que a gente tem uma intimidade grande com eles, mas dentro da minha formação, não ele não te dá uma noção de trabalhar com alunos com esse tipo de problema, drogas,

álcool, ele dá caminhos, ah você tem que procurar isso e aquilo mas a forma ele não te da.” (E07P62)

“Matéria específica não, mas tinham matérias de cunho amplo que tinham uma pequena parte sobre isso.” (E01P04)

“Não necessariamente, mas eu fiz um curso de crianças com transtornos, mas de certa forma indiretamente falando o álcool e a droga ela traz isso, esse tipo de conflito para o adolescente e atrapalha um pouco para o cognitivo.” (E09P80)

“Fiz algumas palestras, fiz a disciplina história da educação trabalha um pouco, temas transversais também, em algumas disciplinas né, relações públicas uma coisa assim a gente fez.” (E02P24)

4.2 Atitude dos professores diante dos estudantes que faziam uso de álcool e outras drogas

A sala de aula é um ambiente de convívio diário entre professores e estudantes, os laços de proximidade ou afastamento são criados ao longo de um tempo. Os professores ao serem questionados qual a atitude diante de um discente que estava naquele momento sob efeito de álcool e outras drogas dentro da escola, apresentaram os seguintes discursos: medo, ausência, cuidado, dentre outras ações como descritas nas falas que se seguem:

“Eu fiz abordagem somente depois da aula, desde que ele não atrapalhasse a aula em si, eu esperava o final depois eu sentava com o aluno para conversar para saber se eu podia ajudar o aluno” (E01P02)

“Alguns sim, porque alguns da abertura pra gente, outros se fecha ne?! Eles ficam na deles, não deixa a gente interferir tanto na situação dele, mas alguns eles são bem abertos assim, a gente consegue identificar pra chamar pra conversar pra tentar entender o que ta acontecendo ne?! Mas da pra mediar isso dentro da sala” (E01P015)

“A gente acaba trazendo para a coordenação, levando o caso até a coordenação e ela agindo da melhor forma que acha que deve.” (E01P05)

“Primeira reação é abordar e conversar e orienta-lo e dizer que aquilo ali não é a forma correta dela ta vindo pra escola pra assistir as aulas e segundo ponto a gente encaminha pra coordenação, ai a coordenação que se incube de fazer o restante dos procedimentos.” (E01P01)

Para alguns professores a abordagem deve ser de cunho acolhedor, de forma a aproximar e estabelecer vínculo com o estudante com o intuito de conquistar confiança e os estudantes conseguirem expressar o que está acontecendo, como descrito nas falas abaixo:

“Abordei, mas era uma conversa de cunho mais amigável, além do professor regente, daquele cargo de liderança que é a imagem que o aluno tem a gente também tem que partilhar da parte da amizade, companheirismo, então

abordei de forma amigável tentando conscientizar, abordagem desse modelo, evitando uma abordagem mais agressiva ou de distância e eu tento trazê-lo para mim se tornar um amigo, companheiro” (E01P40)

“[...]hoje em dia esse alunos que fazem uso de entorpecente e de álcool se o professor for bater de frente com ele, tem que chamar para conversar, uma conversa que ele não se sinta criticado e ofendido.” (E01P08)

“Sim chamei para conversar, perguntei você ta bem?, sempre com muita calma pois a gente não pode chegar nunca com violência e nem acusando também, como você ta drogado? Ou coisa assim. Não pode. Cheguei perguntado se ele estava bem, o que ta acontecendo? O Que é você ta com o olho meio estranho, tentando tirar alguma informação dele assim”. (E01P09)

“Particularmente, inclusive uma delas das minhas alunas começou a refletir, meditar, chorou muito, e assim esses diálogos essas conversas tem uma grande influencia e conseqüentemente, se for possivelmente a gente entra em contato com a família para tentar apoiar esse adolescente entendeu? Mas a gente consegue com êxito ajudar aquele jovem.”(E01P10)

“Foi uma abordagem para conversa e que quis saber qual era a raiz, se era a família, se era alguém na família que também tinha uso de álcool e de drogas, pais, irmãos, normalmente é família destruída.” (E01P13)

Para outros docentes esses estudantes tratam-se de pessoas mais suscetíveis a oscilações de humor e, portanto, eles preferem não realizar abordagem com medo de represálias, principalmente por serem domiciliadas no município em que trabalham e por facilidade de encontra-los fora do ambiente escolar:

“[...] No momento não, porque é até mesmo perigo por eu não saber a reação da pessoa.” (E01P07)

“Normalmente quando os estudantes chegam drogados na sala de aula a gente evita ao máximo entrar em confronto com eles, a agente so pede para eles ficarem quietos e prestar atenção na aula, caso eles não queiram ficar na sala de aula a gente libera para que eles tomem um ar no pátio para depois retornar.” (E01P12)

“Nesse mesmo dia não, no dia que ta mais tranquilo a gente conversa, a gente respeita e se atrapalhar a aula a gente entrega pra coordenação e a coordenação suspende, mas já aconteceu de suspender as aulas para esse aluno.” (E04P23)

Na cidade de Águas Lindas de Goiás grande parte dos moradores é migrante de outras regiões do país, pois a cidade oferece custo de vida menor, mesmo próximo ao grande centro como Brasília. Portanto, para esses docentes, as causas podem estar associadas à ausência de recursos financeiros, de moradia, ou seja, estão ligadas às desigualdades sociais onde esses estudantes estão inseridos:

“[...]Eu conversei muito com eles e eles falam muito que é desigualdade social ne?! A desigualdade social principalmente no município de águas lindas eles tem muita repressão a respeito disso de tipo assim não querer vencer na vida e cair no mundo das drogas [...]” (E03P38)

“[...]ai eu conversei com eles para eles, orientei eles que a educação é a área mais importante para estudar, essas coisas assim, mas ele ainda acha que a desigualdade social eles vai usar porque meu pai e minha mãe usa, infelizmente é uma triste realidade[...].” (E02P19)

“[...]Sempre tem a orientação, sempre tem a conversa, principalmente no que tange a realidade periférica, maior parte do aluno principalmente do fundamental que eu percebi eles vão primeiro fazer o aviãozinho eles tem o uso e já vão fazer o transporte principalmente em outra escola”. (E02P21)

Para alguns professores é ineficaz e imprudente qualquer tipo de intervenção feita no momento em que o estudante se encontra em estado alterado de consciência. Quando a presença do docente era solicitada para mediar essas situações de uso de álcool ou outra droga, a atitude imediata era sempre de, respeitosamente, conduzir o estudante para fora da sala, indagando qual seria o motivo para aquela euforia e alteração de humor.

Durante os diálogos foi relatado também que a conversa girava em torno do motivo apresentado pelo estudante por ter se “excedido na dose” e na impossibilidade de aproveitar as aulas naquelas condições. A orientação da coordenação da escola, em geral, era que não houvesse nenhuma tentativa de conversa, repreensão ou qualquer tipo de comunicação que pudesse disparar um acesso de fúria ou algo parecido.

Para os professores trata-se de apresentar a escola como possibilidade real de compromisso do estudante consigo mesmo, auxiliando a autoconfiança e o autorrespeito a partir de uma postura que o inspire a construir e seguir valores.

4.3 Opinião dos professores em relação aos fatores (motivo, causa, razão) para seus estudantes utilizarem álcool e outras drogas

Na percepção de alguns docentes a ociosidade, tempo livre, falta de lugares para lazer na cidade e influências de amigos estão entre os principais motivos que levam os estudantes a fazerem o uso de álcool e outras drogas, como descritos nas falas a seguir:

“Eu acho que ociosidade, não ter uma perspectiva de vida, eles não tem um entretenimento quando saem da escola, então aqui em Águas Lindas principalmente tem vários fatores que acarretam esse tipo de problema, ne? que o aluno sai da escola ele não tem um atrativo para ir, ele fica em casa ou vai ficar na rua atrás do que fazer, ai lá ele encontra as amizades, [...]” (E02P23)

“Não temos lazer, não temos outro local para eles se divertirem então a amizade né as influências fora do portão da escola, tudo isso faz com que ele leve a razão para o uso do tipo de droga [...]” (E02P24)

“Eu acho que é ocupar alguma coisa que ele não tem é suprir coisa que ele não tem, aí ele vai atrás do que não é bom pra eles[...]”. (E01P15)

Para os professores esses motivos seriam o exemplo de vivência dos familiares e de pessoas próximas ao meio de convívio, pessoas estas que já realizam o uso de álcool e outras drogas e, segundo os relatos, podem motivar os estudantes a realizarem o uso também:

“Exemplos familiares, é muito complexo, desespero, eles acreditam que é uma saída fácil dos problemas e influencia porque um vê o outro e acha que é bonito que é engraçado e se não vai ser popular e aí então começa a fazer.” (E01P01)

“Familiar, a causa é o abandono” (E01P03)

“Além do aspecto familiar, financeiro, social aqui dentro do ambiente escolar e fora do ambiente escolar eles não veem a presença do pai da mãe, porque o pai trabalha, por causa que não tem condições de manter um emprego perto, aí trabalha em Brasília, aquele aluno ou aluna passa o dia todo sozinho, esse desamparo familiar de certa forma, indiretamente.” (E01P04)

“A maior parte dos que eu conversei foi a questão da família, por não ter um pai presente ou uma mãe, ou ter o pai e uma mãe e ter uma situação bem complicada na família, então eles buscam uma coisa que tentam sair da realidade daquele cotidiano todos os dias, ver a situação de um pai tá batendo na mãe, ou não ter a presença de um pai, então acaba eles se envolvendo nessa vida.” (E01P06)

“[...] aí a gente vê que é pai ausente, mãe ausente, assim as vezes as famílias são bem grandes e as vezes são bem fragmentadas, ah eu tenho dois filhos que estão em tal lugar, aí eu falo e sua mãe? Ah a minha mãe não quer saber da minha vida não” (E01P09)

“[...]]então eu acho que a causa maior desse transtorno é a falta de confiança dentro de casa, a educação vem de casa, então se a família tiver uma estrutura, tiver uma base, é muito mais difícil esse adolescente ir pra esse lado” (E01P10)

“Eu acho que é o convívio ne?! Com outros alunos e o meio que você sabe onde eles estão inseridos, mas o convívio que eles têm com as pessoas que vendem drogas, mas por conta disso”. (E01P12).

“Normalmente problema de família, normalmente, ou o pai que é alcoólatra ou a mãe que tem vários irmãos que fica mesmo, jogado, então se refugia, como no álcool nas baladas e depois é uma sequência, cigarro, maconha, antigamente era merla, hoje o crack e é assim sucessivamente, conforme o poder aquisitivo a droga vai mudando.” (E01P13)

Para esses docentes a ausência de pais na vida dos filhos tem sido um dos problemas mais agravantes e que trouxeram consequências desastrosas aos adolescentes, bem como pais “desajustados” emocionalmente para lidarem com as diversas demandas da vida e de seus próprios filhos. Muitas vezes, abandonados mesmo com pais morando no mesmo lar.

Dentre as falas, novamente os discursos apresentam o fator social como um dos motivos que levam os estudantes a fazerem o uso de álcool e outras drogas. Para os

professores a desmotivação de perspectivas que o meio vulnerável apresenta é uma causa forte para o uso de drogas:

“Olha são vários fatores, a gente sempre comenta, talvez o social, até porque os estudantes da classe mais alta também faz uso de álcool de entorpecente ne?!, mas eu acho que hoje o principal seja o fator social [...]”. (E01P05)

“[...]muitos alunos nossos, principalmente essa comunidade eles são muito carentes, então muitos se deparam de estar sozinhos, de não ter o que comer de pais ou mães que já passaram por essa situação que estão usando drogas, muitos presos, então a própria vivência em casa acaba levando a essa situação.[...]”. (E05P26)

“Eu acho que mais vem essa questão de baixa renda, questão familiar como família, lares desfeitos ne, ausência do pai, ausência da mãe.” (E02P22)

“[...]Que eles precisam ser vistos, se tivesse um apoio que a gente pudesse acompanhar, mas infelizmente a gente não tem esse acesso por que a gente se depara com situação de pais que nem ficam em casa, não sabem nem o que o filho faz, não sabe nem se o filho veio para a escola, e ai como a gente atua junto a essa família?[...]”. (E07P66)

Para alguns professores a ausência de maturidade entre os adolescentes também é um fator motivador para o uso de álcool e outras drogas. Consideram que eles não sabem discernir, mesmo diante da informação sobre as drogas, que elas podem oferecer riscos a saúde e tomar providencias de não usar, como relatado abaixo:

“É o caso que eu falei, eles procuram algo diferente porque eles não tem equilíbrio, para eles está o vazio, não tem o compromisso com a escola, não tem respeito pela família, não tem respeito pelos docentes ne, então pra eles tanto faz como tanto fez, e eles querem curtir, não tem maturidade ne?” [...] (E05P23)

“[...]eles não conseguem responder por eles, são muitos novos, não sabem dizer “não”, são sem opinião”. (E04P47)

Nas falas evidenciou-se que, o pouco diálogo, falta de ações familiares de integração e afeto, situações de abandono, violências, abusos e outros são contextos que expõem ainda mais os adolescentes ao uso de álcool e outras drogas. Além disso, a curiosidade e o desejo por ser aceito no grupo, também podem contribuir para a experimentação.

4.4 Opinião dos docentes sobre o que os estudantes buscam ao fazer uso de álcool e outras drogas

Para os professores participantes do estudo os motivos que levam os estudantes a buscarem uso de álcool e outras drogas perpassa pelo campo da curiosidade, diversão, lazer, busca de prazer. Esses pensamentos podem ser observados nas falas que seguem:

“Acredito que uma diversão passageira, uma alegria, preenchimento talvez de algum problema familiar que esta vivendo dentro de casa, não sei, ou algo assim.” (E01P11)

“Inicia é ser inserido no meio, começa com colegas, depois é falta de um ombro amigo, alguém que de apoio, ele perde o interesse pela escola[...].” (E01P13)

“Amigos, os meios que eles se encontram e essa fase de adolescente ne, achar que o álcool e a bebida, as drogas vai influenciar principalmente as meninas.” (E03P25)

Para alguns participantes a fuga da realidade é uma forma do estudante sair do contexto em que vivem, que consideram problemático, com a presença de vulnerabilidade social, conforme as falas a seguir:

“[...] fugir da realidade, a realidade é muito triste, muito cruel, acho que se não tiver uma válvula de escape chega-se no ápice de não ter controle da mente e acaba fazendo besteira como suicídio [...].” (E03P27)

“[...] se desligar um pouco da realidade, eu acho que nessa situação é isso, as vezes com raiva da família, uma maneira também de se punir por alguma coisa, achando que esse tipo de entorpecente eles vão simplesmente punir a família dele por essas atitudes que podem acontecer no dia a dia deles[...].” (E03P25)

“[...]Acho que sair da realidade deles mesmo, acho que o que eles falam “se sentir mais leve” ne, infelizmente.” (E03P26)

4.5 Reconhecimento do tipo de droga por meio do comportamento do estudante

Esse tópico aborda sobre o conhecimento dos docentes sobre quais efeitos o álcool e as outras drogas causariam nos adolescentes. Os discursos mostravam, em sua maioria, o desconhecimento e logo após os docentes manifestavam conhecer alguns sintomas.

As alterações no sistema nervoso central que o uso de álcool e outras drogas causam podem ser percebidas pelos docentes devido ao convívio diário com adolescentes usuários. Dentre os sinais e sintomas mais relatados estavam, olhos vermelhos, sudorese, sede excessiva, pupilas dilatadas e cheiro etílico exalado pelos estudantes. As falas a seguir apresentam os sintomas mais referidos, em geral associados à maconha e ao álcool:

“[...]Duas pelo menos sim, álcool e maconha com certeza. O álcool é sonolência, voz arrastada, equilíbrio e tudo mais, maconha normalmente é olho avermelhado, lentidão no falar, sequeidão da boca, eles ficam com uma vontade de beber água muito grande, e o tempo todo dorme, as vezes deita na carteira e dorme feito uns bebês e isso é claro e notório[...].” (E01P13)

“[...] tem gente com o cheiro fortíssimo de álcool e tem uns que tão realmente usando a maconha, agora eu estou percebendo que eles estão usando cocaína, inclusive na hora do intervalo, você percebe pelo jeito dele, que ele

não olha no olho, porque o cheiro da cocaína não dá para identificar ne? [...]” (E01P16)

“O aluno [...] ele tá com muito sono porque tá bêbado, ou ele tá muito alegre, muito extasiado porque usou uma mais forte e a ele não te ouve, não te obedece, te confronta para testar o seu limite e o limite dele, então assim é muito claro muito evidente, olhos vermelhos [...]” (E02P27)

4.6 Opinião dos professores em relação aos estudantes que fazem uso de álcool e outras drogas e da possibilidade de desenvolverem um quadro de dependência no futuro

Para os professores as opiniões se dividiram entre os que acreditam que os estudantes se tornarão dependentes e os que acreditam que é uma fase e eles poderão, com o apoio da sociedade, não apresentarem problemas em decorrência do uso:

“Depende, alguns estão apenas como fruto do meio, eles veem outro e pode ser que saiam e vejam que não é aquilo, eles têm o interesse pelo estudo e tudo mais, vejam que é uma passagem, outros não, outros vão enveredar, a grande maioria envereda e vão embora. [...]” (E01P16)

“[...]É difícil afirmar, vai depender do tipo de entorpecente que ele utiliza, mas geralmente já são dependentes de algumas coisas, porque o consumo de cannabis mesmo, entre os alunos é algo bem abundante, eu acho que alguns alunos são.” (E01P14)

“Sim, pra mim eu creio que nunca há cura, eu acho que você evita, mas uma hora você pode ter um momento de recaída. Acho que é força de vontade se ele não tiver ele volta para as drogas.” (E1P03)

“Não necessariamente, eu acho que seria muito pretencioso julgar uma vida inteira por uma fase querendo ou não a adolescência é uma fase e já explosiva emocional, hormonal mesmo, por conta do hormônio [...]” (E02P21)

“É difícil dizer porque as pessoas tendem a amadurecer e aí algumas decidem mudar o comportamento, mas dentro da realidade que eles vivem, convivem diariamente, é complicado, porque perde o estímulo de estudar consequentemente consegue um trabalho que paga-se muito pouco e a carga horária é exaustiva[...].” (E03P27)

Para alguns docentes o acompanhamento familiar, escolar, o apoio do Estado e da sociedade por meio de suporte emocional e programas de incentivo social podem auxiliar o adolescente a não desenvolver problemas em decorrência do uso na vida adulta:

“[...]trazendo para a nossa realidade eu acredito que assim, 50% vai continuar, vai ser dependente e o outro 50% não, eu acredito também que sejam fases eu acho que quando ele reconhecer que tá ali, não tá perdendo tempo com esse tipo de coisa aí ele vai começar a se sair, mas claro tiver um acompanhamento familiar.” (E1P15)

“Nunca, a gente ta falando de jovens, adolescentes eles são suscetíveis a tudo tanto para coisas como influencias para usar álcool, quanto para largar também, por isso é bom a gente ficar em cima, você fala maconha não da, tem problema sim[...].” (E1P09)

4.7 Opinião dos professores sobre o desempenho do estudante que faz uso de álcool e outras drogas em comparação aos demais estudantes dentro da prática pedagógica

Para os professores o uso de álcool e outras drogas atrapalha o desempenho escolar; a frequência do consumo está associada ao aumento do risco da dependência de álcool e outras drogas e comportamento violento. Como observado nas falas que se seguem:

“[...] é muito difícil você encontrar um aluno que é usuário e tem notas boas, bom comportamento, então com certeza na parte pedagógica, influencia totalmente.” (E1P09)

“por que quando o aluno faz uso de substancia, dependendo da substancia ele fica no mundo dele, e outros tipos de substancia, ele fica muito hiperativo, saindo da sala toda hora que ir ao banheiro, boca seca e questão de rendimento ele cai[...]”. (E01P08)

“ele não tem a perspectiva, ele não consegue assimilar conteúdo, ele não tem o mesmo comportamento desse aluno que não faz esse uso, então influencia sim”. (E01P15)

“Sim, pelo próprio conhecimento ne, um aluno que usa droga ele não tem um conhecimento amplo como um aluno normal, ele se prega naquele mundo e ali é o mundo dele, ele sai pra gente citar uma simples coisa assim”. (E01P13)

Para alguns docentes os estudantes que usam álcool e outras drogas não se diferenciam dentro de sala de aula:

“Alguns eles conseguem camuflar, eles conseguem tira notas, eles conseguem fazer as coisas, eu não sei qual é a base que eles tem em casa que eles conseguem, outros não, eles vão abandonando [...]”. (E06P54)

“Não vejo diferença, o comportamento dentro da sala de aula é igual outro, graças a Deus a gente não tem isso aqui não, esse negócio de quer mandar na sala de aula, [...]Eles tem assim, todos tem a sua liberdade dentro da sala de aula, cada um tem sua opinião, tem seus deveres e tem seu direito dentro da sala de aula, dentro da escola.” (E03P29)

“[...] não diferem, eles ficam na deles e pelas notas a gente não diferencia porque eles estudam e tiram notas boas iguais os outros[...].” (E08P75)

4.8 Percepção dos professores na prática de sala de aula sobre os estudantes que utilizam álcool e outras drogas

Para alguns docentes os estudantes que fazem uso de álcool e outras drogas que frequentam a sala de aula, não manifestam interesse para assistir aulas. Outros

entrevistados acreditam que eles são bons estudantes e que o uso de álcool e outras drogas não influencia no comportamento deles, nem interfere no rendimento, conforme seguem as falas:

“[...]Que eles não pensam no futuro ne, que eles não tem uma,[...] já acostumaram ganhar dinheiro dentro da própria escola e a gente não pode fazer nada por que as vezes quando a gente pensa que viu não tem a prova, não tem como e o país nosso está assim ne, em todo canto tem [...]”. (E04P45)

“[...]Que eles precisam ser vistos, se tivesse um apoio que a gente pudesse acompanhar, mas infelizmente a gente não tem esse acesso por que a gente se depara com situação de pais que nem ficam em casa, não sabem nem o que o filho faz, não sabe nem se o filho veio para a escola, ne e ai como a gente vai atuar junto a essa família? Não tem condição” (E08P73)

“Não, o comportamento dentro da sala de aula é igual outro, graças a Deus a gente não tem isso aqui não, esse negócio de quer mandar na sala de aula, nesse tempo todo nós não percebemos isso, entendeu? Eles tem assim, todos tem a sua liberdade dentro da sala de aula, cada um tem sua opinião, tem seus deveres e tem seu direito dentro da sala de aula, dentro da escola.” (E03P24)

“[...]Olha isso é muito relativo eu já tive aluno de terceiro ano que usa álcool, alunos que vieram para a escola bêbados, o aluno dormiu durante toda a minha aula, não me incomodou, eu já tive estudantes do sétimo ano que vinham para vender droga, então esse não adiantava, você não conseguia ficar com ele dentro de sala de aula [...]”.(E09P77)

Para outros professores os estudantes que fazem uso de álcool e outras drogas prejudicam os outros estudantes e o desenvolvimento da aula:

“[...]Eles atrapalham, são os que mais atrapalham, eles não se concentram e eles não aceitam seguir ordem, seguir os métodos do professor.” (E03P25)

“[...]A isso é algo ruim para eles, eles diminuem e muito o aprendizado nessa utilização, ele quando não utilizam eles ficam com a cabeça em outro lugar e não prestam atenção do mesmo jeito na prática pedagógica, eles estão aqui mais parecem que estão em outro lugar ao mesmo tempo, ai não fazem o que realmente vierem fazer ne?! Que é estudar.” (E06P59)

“[...]então assim o comportamento dele é totalmente diferente do outro estudante, então por exemplo o que usa álcool o comportamento dele é diferente, ele vai dormir, ou de repente ele passa mal, ele desmaia, ele vai pro banheiro, precisa chamar SAMU e tudo sabe, mas assim cada um tem um comportamento diferente, [...] eu nunca tive nenhum estudante usuário de ter comportamento agressivo comigo, nenhum, talvez pelo fato de eu respeitar de não me envolver, talvez tenha sido por isso, mas talvez nunca bateu de frente, nunca teve comportamento agressivo com os demais não.” (E03P34)

Para alguns professores a iniciativa só depende dos estudantes; ele não tem opinião formada sobre o assunto e preferem deixar que os estudantes tomem as decisões:

“Vai depender inteiramente dele ne?! Se ele quer realmente se sair, pra ele ter o resultado, é melhor dentro da prática da escola, mas muita das vezes a gente percebe que ele vem por conta de amizade que a gente sabe que as proximidade da escola tem essas coisas ne?! Tem a oferta da droga, mas também porque ele tem que cumprir ali uma, ele tem que vir pra escola, eu acho que é isso.” (E03P33)

4.9 Ações já realizadas na escola para a prevenção do uso de álcool e outras drogas

Para os professores entrevistados as ações associadas à prevenção do uso de álcool e drogas sempre estiveram presentes na prática docente por envolvimento em atividades denominadas “projetos”. Essas atividades são propostas por um ou mais docentes dentro da instituição, geralmente da área de biologia, segundo os relatos, e os estudantes do ensino médio da escola devem desenvolvê-las por meio de peças de teatro, seminários, produção de material educativo. Tais projetos estão presentes em vários discursos:

“[...]Já foram feitos projetos, feito assim trabalhado mesmo diretamente com os estudantes, de apresentação de trabalhos, me lembro uma vez que eles fizeram um projeto com um policial que tem aqui em Águas Lindas eu acho que ele atua nas escolas, sabe que ele da palestras falando sobre os malefícios das drogas de maneira geral, então ele já veio aqui passando de sala em sala já fez palestra no pátio ne, então assim já foram várias as, eu até diria, os projetos que foram pensados justamente por essa questão, voltado para o noturno onde a gente tem o número maior de estudantes ne, que são usuários[...]” (E02P22)

“[...]tem alguns projetos, que a gente desenvolve e que vai justamente atrás disso dessa problemática, vai trás a família pra dentro da escola, conversa com os pais , faz peças teatrais, leva esse meninos para algum canto para mostrar a realidade para eles, então a gente tá sempre envolvendo a comunidade com os estudantes para poder detectar e sanar essa deficiência[...]”.(E10P84)

“[...]Palestras que a coordenadora é até da Unb [...] então ela sempre traz essas palestras, são umas oficinas , que ela desenvolve aqui na escola, então isso nos ajuda, é um ponto positivo que nos ajuda e palestra com a equipe que nós temos do PROERD, com o Sargento Nascimento¹, e já teve também palestras com o pessoal da polícia civil [...]”. (E04P45)

“[...]Palestras, o ano passado veio o PROERD, teve uma palestra a respeito de drogas e os professores também trabalham em sala de aula [...]” (E10P84)

Para outros docentes as escolas não apresentam nenhuma ação de prevenção do uso de álcool e outras drogas. Esses relatos vinham acompanhados de voz em tom mais baixo e com receio de serem identificados pela coordenação do colégio.

“[...]Nessa escola não sei te informar [...] se já aconteceu alguma intervenção alguma atividade eu não sei te informar porque nunca vi.” (E10P84)

¹ Nome fictício

“[...]Nessa escola, particularmente eu tenho pouco tempo e nunca presenciei nenhuma ação, mas na outras em que eu trabalhei lá a gente tem alguns projetos[...]”(E06P54)

4.10 Conduta da escola frente a identificação do estudante que faz uso de álcool e outras drogas

Durante as entrevistas os professores foram enfáticos em suas respostas sobre conduzirem para a coordenação pedagógica aqueles estudantes sob efeito de álcool e outras drogas para que a família esteja ciente e, dependendo da situação, o estudante poderia ser expulso da instituição:

“[...]Geralmente quando a gente identifica o aluno a gente procura saber se ele tá fazendo é aqui nas dependências da escola ou lá fora e se a família já estar a par disso, se sabe se não sabe, e se precioso for a coordenação chama os pais para saber se ele já está ciente, até porque quando está acontecendo isso, o aluno ele não tem o aprendizado desejado que o professor quer que ele tenha, então ai a gente já começa uma investigação, começa por ai[...].” (E01P08)

“A escola sempre chama o aluno, na pessoa da coordenação pedagógica e orientam, chamam o responsável, mas assim, a maioria das vezes não resolve, por que esse aluno ele já vem se drogando desde os 12, 13, 14 anos e os pais já são cientes da coisas e os pais deixam de lado o pai entrega pro poder público que não consegue mais fazer nada.” (E04P42)

“Geralmente eles levam para a coordenação pedagógica chamam e tenta acompanhar esse aluno mais de perto. Se for um caso recorrente ele é expulso da escola.” (E05P53)

Outros professores também o fizeram ressaltando que a escola não é omissa diante de tais questões, conforme respostas a seguir.

“[...]Geralmente é trazer o aluno para mais próximo, traz o aluno para tentar conversar ali, tirar informações e busca a família, porque geralmente são menores de idade e como são menores de idade, não tem como a escola intervir sem o apoio ou conhecimento da família”. (E11P90)

“[...]A gente já teve palestras, palestras envolvendo esse tema ne?! E projetos, ações voltados pro ensino médio, tem projetos na escola que a gente trabalha com isso ou o próprio professor dentro de sala de aula, eu já vi professores fazendo projetos que são direcionados a saúde também, que também tratam a questão das drogas, então a escola é de certa forma ta interferindo nisso ne?! Tentando abrir os olhos, tentando orientar, mas, dentro da didática de cada professor.”. (E04P44)

5 DISCUSSÃO

A discussão foi organizada da seguinte forma: os achados da pesquisa oriundos do questionário (dados quantitativos), seguidos da discussão dos resultados qualitativos, fruto das entrevistas feitas a partir das questões disparadoras. Ao final, foi realizada a triangulação dos achados – dados quantitativos e qualitativos – sobre a percepção e ação dos professores com relação ao uso de álcool e outras drogas nas escolas.

5.1 PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DOS PROFESSORES

Segundo o IBGE, em 2018 (52), dos 2,2 milhões de professores do Ensino Fundamental I ao Ensino Médio, cerca de 1,8 milhões são mulheres. O Censo Escolar de 2018 (53), divulgado pelo Ministério da Educação, também apontou que cerca de 80% dos docentes da educação básica brasileira são do sexo feminino.

Estudo de Vedovato & Monteiro (54) reflete essa realidade no interior do Estado de São Paulo, onde sua amostra era composta por 81,8% de professores do sexo feminino. De forma similar, esse predomínio se manteve em diferentes regiões do Brasil, com 68,5% em Londrina (55), 64,04% em Uberlândia-MG (56) e 72,7 % na cidade de Jequié – BA (57).

Esses dados diferem dos achados na presente pesquisa feita em 11 escolas públicas de nível médio da Rede Estadual de Ensino de Goiás no município de Águas Lindas de Goiás, entorno do Distrito Federal, na qual o percentual do sexo masculino predominou (57,1%) entre os professores. Tal fato pode estar relacionado a uma característica regional, uma vez que resultados semelhantes foram encontrados nos estudos (58,59) realizados em escolas públicas no DF, com 60% e 55% dos docentes do sexo masculino e feminino, respectivamente.

A maioria dos professores são adultos (média de idade de 37 anos). Esses dados são semelhantes aos números apresentados pelo Censo Escolar de 2017 (53), no qual há uma concentração de docentes nas faixas etárias de 30 a 39 anos (34,5% do total). Essa faixa etária corrobora os achados em estudos realizados tanto em escolas no DF (58) quanto em Londrina – PR (55), demonstrando que os docentes do ensino médio são em sua maioria com idade inferior a 40 anos.

Já o tempo de atuação no ensino público estadual é em média de cinco anos. A Organização para a Cooperação do Desenvolvimento Econômico (OCDE) (2016) (60) enfatiza a importância da elaboração de políticas que atraiam bons profissionais para trabalhar como professores, pois os indicadores apontam que na maioria dos países do

grupo, a carreira docente tem atraído um número cada vez menor de candidatos com cursos de pós-graduação.

No presente estudo, todos os professores possuem o curso de graduação e desses, menos da metade realizaram cursos de pós-graduação lato sensu, e uma minoria (6,6%) o *strictu sensu*. Esses dados encontrados são melhores à da média nacional, pois em 2017 (61), o percentual de docentes com nível superior era de 73,9% no geral, e, especificamente no ensino básico, há discreto aumento para 78,4% de docentes graduados.

Este fato é relevante à medida que os estudos brasileiros (62,63) apontam que o aumento do percentual de professores com nível superior tem impacto positivo e significativo no desempenho médio das redes de ensino, principalmente nas capitais, no nível do primeiro segmento dos ensinos fundamental e médio.

A formação acadêmica do docente não é garantia de sua atuação apenas em disciplina de sua área de formação conforme apontamentos da literatura científica. O Censo Escolar de 2017(64) traz que, 61,9% das disciplinas são ministradas por professores licenciados na mesma área. No entanto, estima-se que quase metade dos professores do ensino médio do país ministra, também, disciplinas para as quais não tem formação específica.

Estudo nacional (65) identificou que dos 494 mil docentes que trabalham no ensino médio, 228 mil (46,3%) atuam em pelo menos uma disciplina para a qual não têm formação. Ainda, 53,7% dos professores tem formação específica na área que leciona, e 14% ministra aulas entre as áreas em que são titulados e outras para as quais não são habilitados.

Esses resultados são semelhantes aos encontrados na presente pesquisa, em que os professores ministram mais de uma disciplina na escola e foram classificadas pelos entrevistados como similares à formação dos docentes.

Neste contexto, relacionam-se os resultados com o proposto pela meta 15 do PNE (66) que assegura que todos os professores e as professoras da educação básica possuam formação específica de nível superior, obtida em curso de licenciatura na área de conhecimento em que atuam.

Outro ponto importante é em relação ao ensino para estudantes PNE. No presente estudo, verificou-se que todas as disciplinas são ministradas pela professora com formação em pedagogia, exclusivamente aos estudantes PNE, na sala dos professores. Fato que está em discordância com a legislação que regulamenta a oferta de educação inclusiva ao vedar a exclusão dos estudantes PNE do ensino regular, sob alegação de deficiência. Ainda, na medida que não promove a articulação pedagógica entre o ensino regular e o atendimento educacional especializado (67).

Cabe aos sistemas de ensino, ao organizar a educação especial na perspectiva da educação inclusiva, disponibilizar as funções de instrutor, tradutor/intérprete de Libras e guia-intérprete, bem como de monitor ou cuidador dos estudantes com necessidade de apoio nas atividades de higiene, alimentação, locomoção, entre outras, que exijam auxílio constante no cotidiano escolar (67).

Para atuar na educação especial, o professor deve ter como base da sua formação, inicial e continuada, conhecimentos gerais para o exercício da docência e conhecimentos específicos da área. Essa formação possibilita a sua atuação no atendimento educacional especializado, aprofunda o caráter interativo e interdisciplinar da atuação nas salas comuns do ensino regular, nas salas de recursos, nos centros de atendimento educacional especializado, nos núcleos de acessibilidade das instituições de educação superior, nas classes hospitalares e nos ambientes domiciliares, para a oferta dos serviços e recursos de educação especial (68).

Outro aspecto relevante identificado no presente estudo é o tipo de vínculo empregatício junto às escolas estaduais de ensino médio, em que concursados efetivos, servidores públicos, que fazem parte do quadro fixo são uma exceção. Os dados reafirmaram uma situação preocupante pelo quadro de vínculo empregatício o que mostrou que a maioria são temporários.

No Estado de Goiás, esse regime de seleção de professores temporários, em geral, ocorre por meio de processo seletivo, em editais abertos todos os anos nos meses de dezembro. O último edital de nº 10/2018, oferece salários que variam de acordo com o cargo e a jornada de trabalho: entre R\$ 876,65 e R\$ 4.726,85, e o prazo de vigência do contrato a ser firmado com o candidato convocado para a contratação será de até um ano, podendo ser estendido ao prazo máximo de três anos, de acordo com o que estabelece a Lei Estadual 13.664/2000. Ressalta-se que o último concurso público para admissão de professores efetivos foi realizado pelo Estado com vagas para o município de Águas Lindas de Goiás nos anos de 2010 (Edital nº. 008/10/SECTEC, 29 de março de 2010) (69) e 2018 (edital nº 002 – SEGPLAN/SEDUCE, de 5 de abril de 2018) (69) e isso refletiu nos resultados encontrados.

Diante do quadro apresentado, sobre a quantidade de professores temporários, o documento *What matters most in teacher policies* (70) propõe diretrizes para resolver o problema das “oportunidades de aprendizagem”, entre elas, o rompimento da estabilidade laboral. Professores com menor estabilidade seriam menos resistentes às mudanças e mais propícios a desenvolver um bom trabalho se remunerados por desempenho dos estudantes em avaliações de larga escola. O que vai em contraponto com as perspectivas do que se

espera para a carreira docente no Brasil, como a valorização e maiores oportunidades de qualificação.

Neste sentido, a renda mensal dos professores apresentada no presente estudo, inferior a 4 salários mínimos, é semelhante aos estudos (71,72) que aponta que a remuneração dos professores é relativamente baixa no Brasil e varia entre regiões e por local de residência. As condições de vida dos professores da educação básica, quando comparadas às da média da população empregada, são melhores no Brasil. Mas a forte presença de professores em domicílios com renda per capita inferior a 0,5 salário mínimo (SM) requer atenção (72).

Para o Ministério da educação na meta 17 do PNE (66), que trata da valorização dos professores, possui a seguinte redação: “Valorizar os (as) profissionais do magistério das redes públicas de educação básica, de forma a equiparar seu rendimento médio ao dos (as) demais profissionais com escolaridade equivalente, até o final do sexto ano de vigência deste PNE”. Estes dados remetem ao que denota uma precarização das condições de renda digna de atenção entre os professores.

5.2 JULGAMENTO DOS PROFESSORES SOBRE O USO DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS POR ADOLESCENTES

A maior parte dos professores com graduação afirmaram que os estudantes que fazem uso de álcool e outras drogas são moralmente fracos e oferecem perigo para a sociedade e poderiam cometer delitos na família. Esse achado está de acordo com o estudo (63) onde as questões familiares, como o uso de substâncias e delitos ocorridos no ambiente familiar foram apontadas como fatores de risco para o uso de drogas e também para o cometimento de atos infracionais.

Em contrapartida, estudo realizado na Espanha (73) aponta que as características relacionadas à família, como afeto parental, aceitação, envolvimento, são aqueles fatores de proteção ao consumo de álcool e outras drogas entre adolescentes, independentemente do risco percebido.

Dentro desse contexto, os dados apontados podem ser caracterizados como estigma, que é uma construção social, a qual atribui ao seu portador um status de desvalorização em relação aos outros membros da sociedade (74). Essas situações ocorrem quando os indivíduos são identificados em relação a alguma característica indesejável que possuem e, a partir disso, são discriminados e desvalorizados pela sociedade. Esse tipo de estigma é chamado de estigma social, ou público (75).

As informações deturpadas transmitidas pela mídia, somadas à falta de conhecimento sobre o transtorno, fazem com que as pessoas que usam drogas sejam temidas e vistas como incapazes de se recuperar. Assim, sofrem com a desconfiança, estereótipos negativos, preconceitos e discriminação (76). É importante compreender que o estigma existe em um círculo vicioso: o estigma encoraja o preconceito e a discriminação e estes, por sua vez, reforçam a ocorrência do estigma (75).

Destaca-se como importante dado do estudo realizado, o fato de os professores sinalizarem que os estudantes que fazem uso de álcool e outras drogas serem tão importantes quanto qualquer outra pessoa. Diante disso o estudo (77) aponta que em relação às pessoas que usam drogas existem duas visões: a tradicional e a sistêmica. Na visão tradicional, ele é visto como delinquente ou doente, infantilizado e submisso ao controle familiar, o que dificulta a relação com a família e a sociedade. Na visão sistêmica, é percebido como sujeito de direitos, agente de mudança, com autonomia para tomar decisões e negociar regras, o que facilita a sua relação com a família e a sociedade, mas ele sempre deve ser acolhido.

No presente estudo, a escolaridade e o sexo dos participantes foram variáveis que não influenciaram no tipo de julgamento dos professores em relação aos adolescentes que fazem uso de álcool e outras drogas. Estudo de 2014, afirma que em um país como o Brasil, que possui uma cultura profundamente enraizada de consumo de álcool e um fraco quadro regulamentar que controla a venda e promoção do álcool (78), uma saúde pública ideal de resposta ao uso abusivo de álcool pelos adolescentes seria uma combinação de currículo escolar, como o #Tamojunto e programas destinados à família e à comunidade, com ênfase na mudança gradual de crenças e práticas enraizadas na sociedade(79).

Diante disso Gusmões *et al* (78) afirma que o #Tamojunto pode ser eficaz para a prevenção da vitimização a curto prazo do bullying estudantes e que meninas entre 13 e 15 anos parecem ser as maiores beneficiárias. No entanto, as turmas de reforço devem ser aprimoradas e testado para prolongar a duração dos efeitos e verificar a possível sustentabilidade do programa ao longo de meses e anos.

5.3 ANÁLISE DO DISCURSO DOS PROFESSORES

A maioria dos professores relataram não ter tido formação para lidar com estudantes que usam álcool e drogas, mesmo demonstrando interesse em aumentar tais conhecimentos e técnicas para lidarem com estudantes que fazem uso de álcool e outras drogas no seu cotidiano. E, manifestaram o interesse na aquisição de conhecimentos sobre essa temática.

Em outra constatação, os professores afirmaram já ter participado de cursos voltados à prevenção do consumo de drogas psicoativas, porém, observou-se que ainda expressam receio, pois sentem insegurança para lidar com a temática no âmbito escolar.

Tal situação se confirma na descrição da ação frente ao estudante em uso de droga, que são encaminhados à coordenação pedagógica que aciona os pais ou responsáveis. Essa ação não tem nenhuma característica de conversa sobre a situação vivenciada.

E por fim, a conduta da escola com os estudantes que eram identificados como usuários de álcool e outras drogas sempre serem encaminhados para a coordenação pedagógica. Cabe explicar que a coordenação pedagógica assume o papel de resolver os conflitos entre os docentes e estudantes como também de articulação, formação e de transformação. Esse profissional age como mediador entre o currículo e os professores, bem como entre pais de estudantes e corpo docente (80).

No estudo em questão, os coordenadores pedagógicos, na visão da maior parte dos professores, não fizeram referência à atuação em um processo de intervenção, mas sim limitou-se a informar quem deve agir. Ainda segundo os (as) docentes, essa intervenção deveria acontecer através de convocações das famílias, a fim de que os problemas fossem expostos aos que a escola julga como devidos responsáveis: os pais.

Neste contexto, Pereira *et al* (81) sugerem que a adoção de medidas de prevenção do uso de drogas pelas escolas podem aumentar dada maior orquestração das escolas através do treinamento especializado de administradores e professores e a promoção de uma colaboração consistente entre os saúde e educação.

Nas regiões administrativas do Distrito Federal (Brasil), posturas dos professores são diferentes, do presente estudo, uma vez que logo após um estudante ser identificado portando algum tipo de droga psicoativa, a direção e os professores promoviam uma roda de conversa, incluindo os estudantes, e discutiam o caso, acreditando que assim, aproveitavam para desenvolver uma prática educativa com sentido e sem imposição, valorizando as opiniões e experiências de todos (direção, professores e estudantes) (59).

Ainda sobre a atitude dos docentes quando da identificação de estudantes em uso de álcool ou outras drogas, revelam que parte dos professores realizavam abordagens aos estudantes, geralmente em tom acolhedor, com o intuito de aproximar os laços afetivos e conseguir conversar com esses discentes.

Estudos revelam (82) que professores estão lidando com a problemática das drogas constantemente nas escolas em que atuam, entretanto, apesar de serem capazes de identificar os estudantes que usam álcool e outras drogas, afirmam estar ou sentir-se impossibilitados de tomarem atitudes em relação ao enfrentamento dessa prática. Essa percepção desencadeia sentimento de impotência e fragilidade.

Não obstante, autores Beatriz (83) trazem a proposta de que o educador seja verdadeiro e acolhedor, que acredite nas potencialidades dos estudantes como pessoas, a fim de que se consiga chegar a uma abertura tal entre educador e estudante que favoreça uma relação de “pessoa para pessoa” ao invés de “um papel de professor para um papel de estudante”.

Estudos (84,85) mostram que os programas de prevenção escolar, apesar de apontarem para a importância do problema, reconhecem que os professores tendem a não assumir a tarefa de fazer ações preventivas, delegando-as aos profissionais que julgam qualificados (profissionais da área da saúde).

Por outro lado, os discursos apontaram que parte dos professores, do presente estudo, preferiram não falar com os estudantes identificados com receio da reação destes. A política de prevenção dos problemas relacionados ao uso de drogas (84) aponta que é importante debater o tema, que não deve ficar apenas sob a responsabilidade do professor abordá-lo dentro da sua matéria com uma carga horária já limitada, sem disponibilidade de acréscimos, enfatizando a necessidade do apoio da direção da escola para promover adaptações curriculares para inserir conteúdos extras, como a prevenção do uso de substâncias psicoativas.

No estudo em questão, os professores referem que o histórico familiar de consumo de drogas ou doenças mentais, graves conflitos familiares são fatores de risco para os adolescentes experimentarem as drogas. Como descrito por Santos (86), se houver uma ruptura no desenvolvimento sadio do adolescente como uso de drogas pelos pais, atitudes permissivas dos pais, separação, relação ruim com o pai, brigas e agressões entre outros, estes fatores estarão associados com o aumento da probabilidade do adolescente vir a fazer uso de drogas (48).

Esses mesmos professores relatam haver afetividade entre os docentes e os estudantes (embora alguns docentes prefere não se envolver mais efetivamente por razões de insegurança quanto à reação dos estudantes, como visto acima) uma vez que os primeiros expressam preocupação com seus estudantes, que projetam nos docentes referência positiva e segurança, pois muitos advêm de famílias desestruturadas, por razões diversas, incluindo tráfico de drogas. Além disso, também afirmam que as famílias desestruturadas e o tráfico de drogas são fatores que percebem pôr em risco vários dos estudantes para a utilização de álcool e outras drogas.

Autores (87,88) afirmam que o meio familiar exerce grande influência sobre a personalidade da criança e do adolescente, podendo afetar sua vida social e seu desenvolvimento. A participação da família na escola é de grande valia, pois ambas convergem para a formação. Nessa relação compete à família incentivar o filho a ter um

bom comportamento como estudante e cidadão, ao passo que à escola cabe dialogar com os pais sobre os resultados esperados de cada estudante, promovendo momentos para que essa integração seja possível (89). É necessário conhecer as características da escola e da família para que se estabeleça essa conexão.

Em um levantamento sobre álcool e drogas e vulnerabilidades (90), valorizar a construção do conhecimento que reforce os laços familiares, mostrou ser um fator protetor em relação ao uso de álcool ou outras drogas na vida dos estudantes. O estudo também apontou que o bom relacionamento com os pais e entre os pais também é fator importante para a proteção frente a esse uso.

Nesse sentido, constatou-se que os adolescentes estão expostos diretamente às drogas no ambiente em que vivem, seja social ou familiar (91). Conseqüentemente, esta realidade pode causar séria desestruturação familiar e social, com graves repercussões futuras (92).

Para os professores entrevistados, além da desestruturação familiar e a condição social, são motivos para o início do uso de álcool e outras drogas: a associação com colegas que usam drogas, insucesso na escola, alienação ou rebeldia, o que encontra paralelo com resultados que foram descritos por estudos (93,94).

Entre os fatores associados ao consumo de álcool por adolescentes, destacam-se os inerentes às estruturas familiares e sociais (95): separação dos pais, conflitos com a mãe, presença de pai permissivo, ter sofrido maus tratos, não possuir prática religiosa e residir com pessoas que fazem uso de álcool e/ou drogas. Dentre as principais motivações para o uso, estão a curiosidade, o prazer e a intenção de ficar animado e diminuir a ansiedade.

Os discursos críticos sobre os modos como professores interagem com os estudantes, não contribui para um olhar reflexivo sobre quais fatores poderiam ser modificadas a partir de sua prática concreta em contribuir para alguma mudança a esse respeito (96). Desta forma, o problema é exteriorizado e a escola só pode contribuir para a "detecção" de jovens que consomem.

Acresce-se como catalizador, a busca por encaixar-se em algum grupo de amigos, a pressão dos amigos para realização do uso de álcool e outras drogas. Em continuidade, os professores entrevistados incluem variáveis como risco percebido, desaprovação, comportamentos de pares e atitudes normativas, benefícios assumidos e disponibilidade, bem como novidade. O que corrobora com estudo (93) que apresentou resultados similares sobre os fatores de risco durante segunda infância/adolescência.

No tocante aos fatores de riscos que levam adolescentes a fazerem uso de drogas, verificou-se como circunstâncias motivadoras a convivência com grupos de risco os quais façam uso de substâncias psicoativas, possibilitando, na visão do adolescente, meios de

conviver satisfatoriamente com o grupo e ser reconhecido através de costumes e valores que possam promover semelhança.

Os docentes identificaram em sua maioria os estudantes através de duas principais drogas, são elas, álcool e maconha. Para eles essas drogas são facilmente identificadas por características como olhos vermelhos, sede excessiva, movimentos letárgicos e sono durante a aula.

No que diz respeito ao consumo das substâncias na vida, foram encontradas prevalências de 49,6%, 17,5% e 5,3% para álcool, tabaco e outras drogas respectivamente em Porto Velho - RO (97). Já no estudo realizado no Pará, a droga de primeira experimentação foi a maconha, de forma similar ao observado em outros estudos (97). O preço mais baixo e o acesso mais facilitado, na comparação às demais substâncias ilícitas, pode explicar essa primazia, frequência de uso e justifica a maior identificação.

Para os entrevistados nesse estudo, o álcool é caracterizado pelo odor exalado através da pele do discente, percepção de alteração do equilíbrio, discurso desorganizado, fala confusa, excesso de raiva, alteração de humor e agitação. A maioria dos docentes manifestaram conhecer as características do uso das drogas por senso comum, ou manifestações/uso pessoal, outra parte afirma não reconhecer quando alguns dos estudantes estão sobre efeito de alguma droga.

As drogas psicoativas, como o álcool, a maconha ou a cocaína, produzem efeitos por vezes agradáveis e por vezes desagradáveis. Elas sempre causam alterações no cérebro e com isso uma mudança das funções psicológicas, como a atenção, a memória, a percepção sensorial ou a forma de se relacionar com o mundo (98).

Políticas de drogas escolares visam reduzir os níveis de substâncias usadas por adolescentes, restringindo o acesso a drogas e exposição ao uso de drogas durante o horário escolar. Estudos que medem o acesso à maconha nos níveis individuais, escolares e nacionais mostraram associações consistentes entre o aumento do acesso e maiores taxas de autorrelato do uso por adolescentes (99).

Os docentes, no presente estudo, em sua maioria, demonstraram preocupação com o futuro dos estudantes e da possibilidade de desenvolverem um quadro de dependência no futuro. Apontam que ainda estão em fase de transição e que a escuta, apoio familiar, são fundamentais para que o estudante não permaneça nas drogas. As falas são fatores de proteção, dentre elas: boas relações com os colegas, envolvimento em atividades comunitárias e sociais, estrutura familiar, monitoramento familiar, fortes vínculos escolares, fortes vínculos com colegas (93).

A preocupação com o bem estar dos estudantes é primordial para educação preventiva efetiva, como também estratégias para evitar que os fatores de risco sejam

colocados em prática, juntamente com programas específicos para cada grupo ou faixa etária (100).

Percebe-se que já há uma maior limitação dos docentes quanto à conceituação do estudante que faz uso de álcool e outras drogas, de modo que são ampliadas as formas de manifestação do fenômeno (física, psicológica, verbal) (101). Ao mesmo tempo que se reduz o uso de drogas a um tipo de violência no qual há repetição da ação.

No que tange ao desempenho escolar, não houve consenso entre os participantes do presente estudo, sobre a influência do uso de álcool e outras drogas na obtenção de notas positivas ou não nas avaliações. Assim, difere de estudos internacionais, em que o uso de substâncias psicoativas foi maior entre estudantes com baixas notas escolares ou com histórico de evasão na amostra de Cheong *et al.* (102). Ainda para Jonkman (103), o comportamento positivo na escola foi fator de proteção na Austrália e na Alemanha.

Camarotti, Kornblit e Leo (104) afirmam que a escola é o principal ente do Estado com capacidade de gerar civilidade e ambiente propício para que as crianças e adolescentes possam encontrar abertura suficiente para expressar-se, sentir-se acolhidos, valorizados e fortalecidos a enfrentar e defender-se das manifestações de violência, incluindo a problemática da drogadição.

Alguns professores citam em seus discursos o Programa Educacional de Resistência às Drogas – PROERD, que é a adaptação brasileira do programa norte-americano Drug Abuse Resistance Education - D.A.R.E., surgido em 1983 (105). No Brasil, o programa foi implantado em 1992, pela Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro, e hoje é adotado em todo o Brasil. Tal programa conta com três currículos: PROERD para Educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental; PROERD para 5º ano do ensino fundamental; PROERD para 7º ano do ensino fundamental; PROERD para Pais/Responsáveis.

Vale destacar que do modo como vinham sendo executados nas escolas, os referidos programas não estavam em sintonia com a Política Nacional sobre Drogas, pois se baseavam no paradigma do medo e não da promoção da saúde, preconizada pela Política Nacional (106).

Nesse sentido, o uso de droga deve ser entendido pelos profissionais da rede pública de ensino como um sintoma de vulnerabilidades pessoais e ou sociais, cuja prevenção se daria não pela coerção, mas pela redução dos fatores de riscos e fortalecimento dos fatores de proteção capazes de afastar os estudantes do mundo das drogas, conforme preconizam os estudos do Laboratório do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PRODEQUI)/Universidade de Brasília (106). Tira a ênfase da droga (mal) para focar na saúde (bem). Nesse sentido, a proposta de prevenção do PRODEQUI/UnB está pautada na promoção da saúde, indicando “[...] estratégias que enfatizam a transformação de condições

de vida e de trabalho que confrontam a estrutura subjacente aos problemas de saúde, demandando uma abordagem intersetorial” (107).

A escola desempenha papel fundamental na formação de valores, hábitos e estilo de vida dos adolescentes (39), visto que é um espaço de socialização e de aprendizado em que os adolescentes passam grande parte do tempo. Nesse sentido, é considerado um ambiente promissor para intervenções preventivas por atingir um grande número de adolescentes ao mesmo tempo (39). Além disso, a prevenção ao uso de drogas no ambiente escolar pode efetivamente complementar as iniciativas sociais, econômicas e políticas preventivas, não sendo uma ação isolada (39).

Nesse sentido, faz-se necessário que os educadores juntamente com a escola desenvolvam um processo de sensibilização, proporcione informação, conhecimento e orientação, possibilitando aos docentes uma reflexão, o desenvolvimento do pensamento crítico, a obtenção de valores e conhecimentos para a vida, atuando na formação de cidadãos críticos, reflexivos, conscientes e responsáveis por suas ações (75).

Estudo realizado por Araldi e colaboradores (42), menciona a fragilidade das escolas participantes da pesquisa, já que essas instituições contavam com poucas estratégias de prevenção do uso de Substâncias Psicoativas (SPA), sem apresentar, em seus projetos político-pedagógicos, diretrizes claras de abordagem da temática. Além disso, os autores veem a naturalização de noções do senso comum como elemento reforçador do caráter estigmatizante e do preconceito com relação aos estudantes que usam SPA.

Assim, o contexto educacional tem se destacado no trabalho envolvendo a prevenção ao uso de drogas pela interface cada vez mais próxima entre os temas de saúde e educação. Portanto, o caráter social das escolas demonstrado através de seu grande potencial sensibilizador, especialmente com o público jovem, tem contribuído para desenvolvimento de ações com foco preventivo (108).

Neste sentido, o estudo (109) sobre estratégias de prevenção de álcool e outras drogas, mostrou que ações não interativas, orientadas por palestras que enfatizam o conhecimento sobre drogas ou o desenvolvimento afetivo mostram pequenos efeitos. Programas interativos que promovem o desenvolvimento de habilidades interpessoais mostram efeitos significativamente maiores que diminuem com implementações em grande escala.

Os docentes participantes, do presente estudo, relatavam a execução de projetos entre os estudantes. Essas ações coincidem com o estudo de Dusenbury *et al.* (110) ao afirmar que os programas implementados como parte de projetos de pesquisa, recebem apoio e orientação consideráveis para alcançar a fidelidade da implementação.

No entanto, não existe um modelo de programa de prevenção predefinido, eles

precisam estar adequados à realidade local, aos anseios e à cultura da comunidade na qual estão implantados. “Essas iniciativas são de responsabilidade coletiva e precisam ter continuidade e seguimento, caso contrário, terão grandes chances de fracassar”, explica Figlie (111).

6 LIMITAÇÕES DO ESTUDO

O estudo realizado apresentou limitações na amostra pois não foi possível coletar os dados de todas as 17 escolas estaduais do município em questão, mesmo após aprovação da subsecretaria de educação. Os diretores de cinco escolas recusaram a entrada da pesquisadora alegando proximidade com as eleições para novos diretores e por não quererem se comprometer por outra pessoa.

7 CONCLUSÃO

O estudo realizado acerca das percepções e ações dos professores sobre o uso de álcool e outras drogas por estudantes do ensino médio de escolas públicas da cidade de Águas Lindas de Goiás – GO, localizada na região metropolitana de Brasília – DF, antiga RIDE-DF, permitiu concluir que o corpo docente era na maioria adulto do sexo masculino com vínculo temporário na Secretaria Estadual de Educação, com renda de até quatro salários mínimos. Todos graduados e a minoria com formação acadêmica nível mestrado ou doutorado, ministram mais de uma disciplina em áreas afins. No que concerne ao ensino de PNE, apesar do número pequeno de estudantes, esses tinham todas as disciplinas curriculares com o mesmo professor em ambiente separado da sala de aula e dos demais estudantes.

O conhecimento dos professores sobre álcool e outras drogas e seus efeitos demonstrou repercussões na tomada de decisões e ações frente aos estudantes no uso dessas substâncias. Apesar disso, os docentes manifestaram interesse em capacitação sobre a temática.

Para os professores, os estudantes que usam álcool e outras drogas são tão importantes quanto qualquer outra pessoa. Há uma propensão em não considerar o seu uso como patológico, porém moralmente fraco e como perigo para a sociedade, com tendência a delitos na sua família.

De forma geral, as percepções dos professores em relação aos estudantes que fazem uso de álcool e outras drogas está permeado pela falta de capacitação e sentimento de medo, pela ausência de cuidado frente a esse estudante, apesar da identificação dos sinais

que indicam ou sugerem estar sob efeito dessas substâncias. Neste cenário, a conduta dos professores é o encaminhamento do estudante para a coordenação pedagógica da escola para que a família assuma a responsabilidade.

A ociosidade, tempo livre, falta de lugares para lazer na cidade, a influência de amizades, vulnerabilidade social, diversão, busca de prazer, fuga da realidade, conflitos familiares estão relacionados ao uso de álcool e outras drogas pelos estudantes, na percepção dos professores.

Os docentes sinalizaram que o uso de álcool e outras drogas pelos adolescentes interfere de forma negativa no desempenho escolar. Acreditam que esse uso aumenta o risco de dependência, na fase adulta, e o comportamento violento, em qualquer momento. Apesar disso, alguns professores não viram diferenças no rendimento entre os estudantes que usam ou não álcool e outras drogas.

As ações de prevenção estão restritas a realização de palestras em parceria com a polícia militar sobre a temática, apenas com os estudantes, embora mencionem que o acompanhamento familiar, escolar, o apoio do Estado e da sociedade sejam importantes.

A adolescência é um período marcado por inúmeras transformações e conquistas importantes. No entanto, fatores como o uso de drogas podem transformar o adolescente em um adulto com sequelas para o desenvolvimento de sua vida futura.

Nessa fase a escola seria o melhor lugar para se debater este assunto, por ter a possibilidade de acesso às crianças, jovens e adultos.

O percurso da pesquisa permitiu que resultados fossem alcançados dentro da realidade do contexto educacional estudado. Diante do estudo realizado, evidenciamos que na percepção dos professores envolvidos no espaço escolar do Ensino Médio, a realidade do uso de álcool e drogas apresenta semelhanças em todas as unidades escolares. Afinal, como notado durante a discussão dos dados, os casos elaborados possibilitaram o enfoque de conhecimentos pertinentes relacionados ao uso de álcool e drogas e o cotidiano do estudante.

Existe uma expectativa de superar as diferenças presentes no processo e seguir avançando na implementação de uma política que atenda aos reais problemas suscitados pelo uso e abuso de drogas para o adolescente estudante, sua família e sociedade. Nesse sentido, o estudo revela e reforça o quanto a educação em saúde, como uma política de Estado, deveria estar presente no processo de formação profissional dos docentes, desempenhando um papel que influencia no sistema educacional, a partir das experiências dos professores nos campos de enfrentamento de álcool e outras drogas nas escolas.

Em síntese, podemos considerar que a ausência das práticas relacionadas a drogadição, apontadas pelos participantes em suas experiências de formação profissional,

são meios capazes de serem potencializados para a integralidade da atenção à saúde em álcool e outras drogas. Essas, por sua vez, quando desenvolvidas em metodologias de base na educação, compartilham saberes, ampliam a compreensão do social e cultural no território em que vivem as pessoas, criando maiores possibilidades de desenvolver processos de conscientização crítica sobre a realidade.

A ausência de formação específica para lidar com situações de uso de drogas na escola leva os professores a fazerem uso de ações de enfrentamento da violência que pouco contribuem para a superação da questão, visto que, em função de serem os próprios docentes ainda pouco conhecedores do tema. Adotam, assim, modos muitas vezes baseados em suas experiências pessoais como estudantes, estratégias centradas no controle externo e não cerceamento por parte do apoio pedagógico, sem que a construção de novos conceitos e valores acerca das relações humanas possa dar-se na escola, já a partir da convivência entre colegas.

Por vezes os discursos atribuíram a justificativa do uso de álcool e outras drogas entre os estudantes como falta de estruturação familiar e influência dos amigos, por tratar-se de um período em que a busca por aceitação entre os pares é uma constante. Além do interesse em fugir da realidade, apontada pelos professores como problema social grave diante da estruturação da cidade de Águas Lindas de Goiás. Assim, sugere-se começar pela superação dos julgamentos equivocados dos docentes diante das situações de uso de álcool e outras drogas na escola.

Superar essa concepção ajudará os professores a vislumbrar o fenômeno a partir de lentes mais amplas, que percebam, por exemplo, que não há uma relação de causa-efeito rígida quando se fala sobre uso de álcool e outras drogas.

Assim, espera-se uma ação reflexiva baseada no conhecimento sobre a temática e na individualidade de cada estudante, balizada no bom senso para além do estigma do uso das drogas pautada no medo e curiosidade de adolescente. Lembrando que prevenção e diálogo devem estar atrelados, e que ainda são considerados os melhores caminhos para se evitar danos futuros.

A ausência dessa prevenção e desse diálogo, traz variadas consequências para a estruturação da escola e do trabalho pedagógico do professor, manifestando-se, sobretudo, na negação da necessidade desse trabalho, como pôde ser observado.

Ao adquirir informações acerca desse assunto pôde-se compreender que, muitas vezes, a repercussão do uso das drogas se dá pela falta de comunicação e diálogo no convívio intrafamiliar e da escola com o estudante. A escola e os professores, em quaisquer ramos multidisciplinares, devem atuar de forma eficaz no combate ao uso de drogas, atuando como mediadores na discussão da realidade local junto à sua população.

Finalmente, após este rápido percurso, não se esgotou todos os aspectos da temática considerando a complexidade do uso de álcool e outras drogas entre os estudantes. No que se refere aos professores, o trabalho ora apresentado, trouxe elementos importantes para o aperfeiçoamento ou a reestruturação de políticas de formação continuada, de promoção da qualidade de vida e das condições de trabalho dos docentes.

8 OBSERVAÇÕES SOBRE CAMPO DE COLETA DE DADOS

A coleta de dados nas escolas participantes possibilitou experiências diferentes e peculiares. Diante disso, segue o relato da pesquisadora sobre algumas dessas situações: Em duas escolas a presença da coordenação pedagógica dentro da sala de entrevistas durante a sequência da primeira entrevista no dia foram intimidadoras, tanto para a entrevistada como para os participantes. O que pareceu foi que, mesmo mostrando o questionário com antecedência e autorizações, os responsáveis pela escola estavam com receio das respostas dos entrevistados.

Em uma escola, uma professora chamou a pesquisadora para assistir os trabalhos escolares, tipo seminário, e realizar um comentário sobre as apresentações, nesse dia coincidentemente o tema era “prevenção de Álcool e outras drogas”.

Durante a espera do intervalo das aulas iniciou-se a discussão entre o coordenador e professores com os estudantes, alegando que os mesmos estavam sob efeito de álcool e outras drogas. Ficaram todos os 9 estudantes, a pesquisadora e os coordenadores dentro da sala dos professores no meio da discussão até a chegada da polícia, os estudantes saíram e começaram um quebra-quebra nos portões da escola. Infelizmente, após esse episódio, não houve condições emocionais de voltar a coletar dados nessa unidade escolar.

Uma docente de português foi encontrada pela pesquisadora em 5 outras escolas, a mesma referiu que possuía carga horária excessiva de aulas, mas precisava de salário maior, pois mantinha sua família financeiramente, sem apoio de outras pessoas e, seus filhos eram menores de idade. Essa docente possuía vínculo institucional do tipo contrato temporário por mais de 4 anos.

Em outra escola, durante as entrevistas chegou o oficial de justiça com um mandado judicial para intimar um dos estudantes maiores de idade sob suspeita de envolvimento com o tráfico de drogas e foi necessário interromper a coleta de dados, pois eles precisavam da sala reservada para essa ação.

Todas essas experiências permitem a compreensão de vários aspectos da sociedade e de como ela se organiza.

REFERÊNCIAS

1. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção em Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Diretrizes nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e de jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde. MS Brasília DF; 2010.
2. Ehrenreich H, Nahapetyan L, Orpinas P, Song X. Marijuana Use from Middle to High School: Co-occurring Problem Behaviors, Teacher-Rated Academic Skills and Sixth-Grade Predictors. *J Youth Adolesc.* 2015;44(10):1929–40.
3. Humeniuk R, Holmwood C, Beshara M, Kambala A. ASSIST-Y V1.0: First-Stage Development of the WHO Alcohol, Smoking and Substance Involvement Screening Test (ASSIST) and Linked Brief Intervention for Young People. *J Child Adolesc Subst Abuse.* Taylor & Francis; 2016 Jul;25(4):384–90.
4. Tanner-Smith EE, Steinka-Fry KT, Hennessy EA, Lipsey MW, Winters KC. Can Brief Alcohol Interventions for Youth Also Address Concurrent Illicit Drug Use? Results from a Meta-analysis. *J Youth Adolesc.* 2015;44(5):1011–23.
5. Currie C, Zanotti C, Morgan A, Currie D, De Looze M, Roberts C, et al. Social determinants of health and well-being among young people. *Heal Behav Sch Child study Int Rep from.* 2009;2010:271.
6. Selegim MR, Oliveira MLF de. Influência do ambiente familiar no consumo de crack em usuários. 2013;
7. Silva MAI, Mello FCM de, Mello DF de, Ferriani M das GC, Sampaio JMC, Oliveira WA de. Vulnerability in adolescent health: contemporary issues. *Cien Saude Colet. SciELO Brasil;* 2014;19(2):619–27.
8. Angélica M, Silva I. Vulnerabilidade na saúde do adolescente : questões contemporâneas Vulnerability in adolescent health : contemporary issues. :619–28.
9. Ortega R, Del Rey R. Estratégias educativas para a prevenção da violência. Unesco Brasília DF; 2002.
10. BRASIL CC. Casa civil. Constituição da República Fed do Bras Brasília. 1988;
11. do Estado FS de S, Quercia A, de Solidariedade P do FS, Cabral B, Chiarelli C, Magri A, et al. Estatuto da Criança e do Adolescente. 1990;
12. Mattos R, Venco S. Sistema Nacional de Educação e Plano Nacional de Educação: significado, controvérsias e perspectivas. *Cad Cedes, Campinas, SP. SciELO Brasil;* 2015;35(97):611–5.
13. Fonseca FF, Sena RKR, Santos RLA dos, Dias OV, Costa S de M. As vulnerabilidades na infância e adolescência e as políticas públicas brasileiras de intervenção. *Rev paul pediatr.* 2013;31(2):258–64.
14. Silva AG da. Habilidades sociais e comportamento do motorista entre universitárias usuárias e não usuárias de bebida alcoólica. Universidade Estadual Paulista (UNESP); 2015;
15. Dallo L, Martins RA. Uso de álcool entre adolescentes escolares: um estudo-piloto. Vol. 21, Paidéia (Ribeirão Preto). scielo; 2011. p. 329–34.

16. Monteiro MG. O que você precisa saber sobre a política de controle do álcool. O que você precisa saber sobre a política Control do álcool. OPAS/Secretaria Nacional Antidrogas Brasília; 2005;
17. Laranjeira RR. Álcool e adolescentes: estudo para implementar políticas municipais. Rev Saúde Pública. SciELO Public Health; 2007;41(3):396–403.
18. Sociais D. OPAS / OMS e UNODC expressam preocupação com as ações sobre drogas em São Paulo. 2019;1–4.
19. Carlini EA. A história da maconha no Brasil. J bras Psiquiatr. SciELO Brasil; 2006;55(4):314–7.
20. Palamar JJ, Fenstermaker M, Kamboukos D, Ompad DC, Cleland CM, Weitzman M. Adverse psychosocial outcomes associated with drug use among US high school seniors : a comparison of alcohol and marijuana. 2014;2990(12):1–9.
21. De Bruyn SM, van den Bergh JCJM, Opschoor JB. Economic growth and emissions: reconsidering the empirical basis of environmental Kuznets curves. Ecol Econ. Elsevier; 1998;25(2):161–75.
22. Pinsky I, Jundi SARJ EI, Sanches M, Zaleski MJB, Laranjeira RR, Caetano R. Exposure of adolescents and young adults to alcohol advertising in Brazil. 2010;58(January):50–8.
23. Carlini EA, Noto AR, Sanchez ZM, Carlini CM de A, Locatelli DP, Abeid LR, et al. VI Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio das Redes Pública e Privada de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras–2010. Brasília: SENAD. 2010;29.
24. Drogas CB de IS. Psicotrópicas–CEBRID.(2007) Livroto Informativo Sobre Drogas Psicotrópicas. Univ Fed Sao Paulo Dep Psicobiol. 2018;
25. Donola Cardoso LR, Malbergier A. Problemas escolares e o consumo de álcool e outras drogas entre adolescentes. Psicol Esc e Educ. Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional; 2014;18(1).
26. Canavez MF, Alves AR, Canavez LS. Fatores predisponentes para o uso precoce de drogas por adolescentes. Cad unifo. 2017;5(14):57–63.
27. ALVES LL, Menezes APS. PREVALÊNCIA DE UTILIZAÇÃO DO ÁLCOOL NA ADOLESCÊNCIA E EFEITOS TOXICOLÓGICOS DE SEU ABUSO. An Congrega. 2017;584.
28. Reis TG dos, Oliveira LCM de. Padrão de consumo de álcool e fatores associados entre adolescentes estudantes de escolas públicas em município do interior brasileiro. Rev Bras Epidemiol. SciELO Public Health; 2015;18:13–24.
29. Wagner MF, Meridional F, Meridional F, Cecconello WW, Conformity M. Habilidades Sociais e o Abuso de Drogas no Contexto Familiar. 2012;(March 2015).
30. Casagrande AL, Alonso KM, da Silva DG. Base nacional comum curricular e Ensino Médio: reflexões à luz da conjuntura contemporânea. Rev Diálogo Educ. 2019;19(60).
31. Moran JM. A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá. Papirus Editora; 2016.

32. Cadernos PDE. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor pde. 2016;
33. Bispo FS, Lima NL. A violência no contexto escolar: uma leitura interdisciplinar. *Educ em Rev.* 2014;30(2):161–80.
34. Zequinão MA. Perfil dos participantes de bullying escolar no Brasil, Portugal e Austrália: um estudo transcultural. Universidade do Minho; 2016.
35. Oliveira MM de, Campos MO, Andreazzi MAR de, Malta DC. Características da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar-PeNSE. *Epidemiol e Serviços Saúde. SciELO Public Health*; 2017;26:605–16.
36. Costa FA, Rodriguez C, Cruz E, Fradão S. Repensar as TIC na educação: o professor como agente transformador. Carnaxide: Santillana. 2012;
37. Knevitz MF, Béria JU, Schermann LB. EDUCAÇÃO PREVENTIVA AO ABUSO DE DROGAS EM ESCOLAS PÚBLICAS NUM MUNICÍPIO DO SUL DO BRASIL. *HOLOS.* 2018;3:240–51.
38. Moreira A, Vóvio CL, Micheli D De. Prevenção ao consumo abusivo de drogas na escola: desafios e possibilidades para a atuação do educador. Vol. 41, *Educação e Pesquisa.* scielo; 2015. p. 119–35.
39. Marschall-lévesque S, Castellanos-ryan N, Vitaro F, Séguin JR. Addictive Behaviors Moderators of the association between peer and target adolescent substance use. *Addict Behav* [Internet]. Elsevier Ltd; 2014;39(1):48–70. Available from: <http://dx.doi.org/10.1016/j.addbeh.2013.09.025>
40. SOUSA NH da S. USO DE DROGAS LÍCITAS (ÁLCOOL E TABACO) POR ADOLESCENTES DO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO EM UMA ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL NO MUNICÍPIO DE CHAPADINHA–MA. UFMA.; 2017;
41. Jodelet D. Representações sociais: um domínio em expansão. *As Represent sociais.* 2001;17–44.
42. Araldi JC, Njaine K, Oliveira MC de, Ghizoni AC. Representações sociais de professores sobre o uso abusivo de álcool e outras drogas na adolescência: repercussões nas ações de prevenção na escola . Vol. 16, *Interface - Comunicação, Saúde, Educação . scielosp* ; 2012. p. 135–48.
43. de Oliveira Manguiera S, Guimarães FJ, de Oliveira Manguiera J, Fernandes AFC, de Oliveira Lopes MV. Promoção da saúde e políticas públicas do álcool no Brasil: revisão integrativa da literatura. *Psicol Soc. SciELO Brasil*; 2015;27(1).
44. Silva AG da, Rodrigues TC do L, Gomes KV. Adolescência, vulnerabilidade e uso abusivo de drogas: a redução de danos como estratégia de prevenção. *Rev Psicol Política.* 2015;15(33):335–54.
45. Malley PO, Ph D. MONITORING THE FUTURE NATIONAL SURVEY RESULTS ON DRUG USE , 1975-1999.
46. Johnston LD, Miech RA, Schulenberg JE, Patrick ME. the FUTURE Overview Key Findings on Adolescent Drug Use. 1975;
47. Geral A, Mundial A. OPAS / OMS e UNODC expressam preocupação com as ações sobre drogas em São Paulo. 2017;4–5.

48. Políticas BSN de, Drogas De. Prevenção dos problemas relacionados ao uso E, drogas : capacitação para conselheiros Comunitárias, Lideranças. Vol. 6 ed. 2014.
49. Educação MEM. Cuiabá - mt 2013. 2013;
50. de Assis Oliveira J, de Carvalho OF, de Souza SKA. SERVIÇO SOCIAL, EDUCAÇÃO E TRABALHO: BREVE ANÁLISE DA ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL NO IFG-CAMPUS LUZIÂNIA. Obs em Debate. 2014;(1):151–66.
51. Araújo LCN, do Nascimento ASS, de Moraes Calheiros J, Santos AKA, da Silva MB. OS ACIDENTES DE TRABALHO COM MATERIAIS BIOLÓGICOS ENTRE OS PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM. Gep News. 2018;2(3):10–6.
52. IBGE C. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em outubro. 2018;3.
53. Censo. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. 2018.
54. Vedovato TG, Monteiro MI. Perfil sociodemográfico e condições de saúde e trabalho dos professores de nove escolas estaduais paulistas. Rev da Esc Enferm da USP. SciELO Brasil; 2008;42(2):291–7.
55. Guerreiro NP, Nunes E de FP de, González AD, Mesas AE. Perfil sociodemográfico, condições e cargas de trabalho de professores da rede estadual de ensino de um município da região sul do Brasil. Trab Educ e Saúde. SciELO Brasil; 2016;14:197–217.
56. Puentes RV, Longarezi AM, Aquino OF. O perfil sócio-demográfico e profissional dos professores de ensino médio de Uberlândia. Rev Profissão Docente. 2011;11(23):127–54.
57. Vasconcelos-Rocha S, Squarcini CF, Paixão-Cardoso J, Oliveira-Farias G. Características ocupacionais e estilo de vida de professores em um município do nordeste brasileiro. Rev Salud Pública. SciELO Public Health; 2016;18:214–25.
58. Grande C. O trabalho e o afeto: Prazer e sofrimento no trabalho dos professores da escola pública de Brasília. 2009;
59. Dechandt SG, de Bittencourt JA, de Oliveira JM, Carvalho C, Leite CE, dos Santos CP. Qualidade de vida no trabalho: um estudo sobre os professores da rede pública de ensino do Distrito Federal. Univ Gestão e TI. 2016;6(1).
60. Schleicher A. Organisation for Economic Co-operation and Development. Colomb should Improv equity Qual Educ Obtenido desde <http://www.oecd.org/education/colombia-should-improve-equity-and-quality-of-education> htm. 2016;
61. ESCOLAR C. Disponível em: < [censobasico. inep. gov. br](http://censobasico.inep.gov.br)>. Acesso em. 2017;2.
62. Davis CLF. Formação continuada de professores: uma análise das modalidades e das práticas em estados e municípios brasileiros. Textos FCC. 2013;34:104.
63. Jacomini M, Alves T, Barbosa de Camargo R. Remuneração docente: desafios para o monitoramento da valorização dos professores brasileiros no contexto da Meta 17 do Plano Nacional de Educação. Educ Policy Anal Arch Analíticos Políticas Educ. Arizona State University; 2016;24.
64. Superior E, Silv CR, Colinas B. E PRÁTICA DOCENTE. 2017;7.
65. Escolar C. perfil da docência no ensino médio regular. Brasília, DF Inst Nac Estud e

Pesqui Educ Anísio Teixeira. 2015;

66. Brasil. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação-PNE e dá outras providências. Diário Of da União. Poder Executivo Brasília, DF; 2014;26.
67. Introdução I. MEC / SECADI Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.
68. POLÍTICA NACIONAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL NA. 2008;
69. Educa SDE. Seesecretaria de educação. 2010;15(62):1–12.
70. Mundial B. Relatório Anual 2008–ano em perspectiva. Washingt DC Consult em junho. 2012;5164353–1222371156065.
71. Barbosa A. Implicações dos baixos salários para o trabalho dos professores brasileiros. Rev Educ e Políticas em Debate. 2012;1(2).
72. Matijascic M. Professores da educação básica no brasil: condições de vida, inserção no mercado de trabalho e remuneração. Texto para Discussão; 2017.
73. Fuentes MC, Alarcón A, García F, Gracia E. Consumo de alcohol, tabaco, cannabis y otras drogas en la adolescencia: efectos de la familia y peligro del barrio. An Psicol. SciELO Espana; 2015;31(3):1000–7.
74. Soares RG, Nery FC, Silveira PS, Noto AR, Ronzani TM. A mensuração do estigma internalizado: revisão sistemática da literatura. Psicol em Estud. Departamento de Psicologia-Universidade Estadual de Maringá; 2011;
75. Ronzani TM, Noto AR, Silveira PS, Casela ALM, Andrade B, Monteiro ÉP, et al. Reduzindo o estigma entre usuários de drogas. Guia para profissionais e gestores Juiz Fora Ed UFJF. 2014;
76. Ronzani TM, Furtado EF. Estigma social sobre o uso de álcool. J Bras Psiquiatr. 2010;59(4):326–32.
77. Sudbrack MFO. Acolhendo adolescentes em situação de risco pelo envolvimento com drogas no contexto de vulnerabilidade social. Curso Prevenção do Uso Drog para Educ Esc Públicas. SENAD-Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas Brasília; 2010;181–3.
78. Gusmões JDSP, Sañudo A, Valente JY, Sanchez ZM. Violence in Brazilian schools : Analysis of the effect of the # Tamojunto prevention program for bullying and physical violence. J Adolesc [Internet]. Elsevier; 2018;63(May 2017):107–17. Available from: <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2017.12.003>
79. Sanchez ZM, Valente JY, Sanudo A, Pereira APD, Cruz JI, Schneider D, et al. The# Tamojunto drug prevention program in brazilian schools: a randomized controlled trial. Prev Sci. Springer; 2017;18(7):772–82.
80. OLIVEIRA WM. Uma abordagem sobre o papel do professor no processo ensino/aprendizagem. Rev eletrônica Múltiplo Saber. 2016;
81. Paula A, Pereira D, Sanchez ZM. Drug use prevention : factors associated with program implementation in Brazilian urban schools. BMC Public Health; 2018;1–10.
82. Araldi JC, Njaine K, Ghizoni AC. Representações sociais de professores sobre o uso abusivo de álcool e outras drogas na adolescência : 2012;135–46.

83. Beatriz A, Perez N, Zerbetto SR. Atitudes dos professores de ensino fundamental e médio frente ao uso de substâncias psicoativas * Attitudes of teachers of elementary and middle school towards the use psychoactive substances Actitudes de los profesores de enseñanza fundamental y medio frente al uso de sustancias psicoactivas. 2018;14(1):45–51.
84. Campinas UEDE. O consumo do álcool por adolescentes:estratégias de promoção da saúde no ambiente escolar. 2007;
85. Vóvio L, Micheli D. Prevenção ao consumo abusivo de drogas na escola : desafios e possibilidades para a atuação do educador. 2015;
86. dos Santos ÉG, de Siqueira MM. Prevalência dos transtornos mentais na população adulta brasileira&58; uma revisão sistemática de 1997 a 2009 Prevalence of mental disorders in the Brazilian adult population&58; a systematic review from 1997 to 2009. J Bras Psiquiatr. Directory of Open Access Journals; 2010;59(3):238–46.
87. Pratta EMM, Santos MA dos. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. Psicol em Estud. SciELO Brasil; 2007;12(2):247–56.
88. gonçaves Zappe J, Dell’Aglío DD. Comportamentos de risco em adolescentes que vivem em diferentes contextos: Família e institucionalização. Rev Colomb Psicol. Departamento de Psicología; 2016;25(2):6.
89. Veiga IPA. Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível. Papyrus Editora; 2013.
90. Giacomozzi AI, Itokasu MC, Luzardo AR, Figueiredo CDS de, Vieira M. Levantamento sobre uso de álcool e outras drogas e vulnerabilidades relacionadas de estudantes de escolas públicas participantes do programa saúde do escolar/saúde e prevenção nas escolas no município de Florianópolis. Saúde e Soc. SciELO Public Health; 2012;21:612–22.
91. Faria Filho EA, Queiros PS, Medeiros M, Rosso CFW, Souza MM de. Concepções sobre drogas por adolescentes escolares. Brasil; 2015;
92. Malta DC, Porto DL, Melo FCM, Monteiro RA, Sardinha LMV, Lessa BH. Family and the protection from use of tobacco, alcohol, and drugs in adolescents, National School Health Survey. Rev Bras Epidemiol. SciELO Brasil; 2011;14:166–77.
93. Hawkins JD, Catalano RF, Miller JY. Risk and protective factors for alcohol and other drug problems in adolescence and early adulthood: implications for substance abuse prevention. Psychol Bull. American Psychological Association; 1992;112(1):64.
94. Ennett ST, Flewelling RL, Lindrooth RC, Norton EC, Flewelling RL, Lindrooth RC, et al. Associated With Characteristics School and Neighborhood and Marijuana Use * School Rates of Alcohol , Cigarette ,. 2015;
95. Matos AM de, Carvalho RC de, Costa MCO, Gomes KEP de S, Santos LM. Consumo frequente de bebidas alcoólicas por adolescentes escolares: estudo de fatores associados. Rev Bras Epidemiol. SciELO Public Health; 2010;13:302–13.
96. JUNCKES RC. A prática docente em sala de aula: mediação pedagógica. SIMPÓSIO SOBRE FORMAÇÃO Profr. 2013;5.
97. Elicker E, Palazzo L dos S, Aerts DRG de C, Alves GG, Câmara S. Uso de álcool, tabaco e outras drogas por adolescentes escolares de Porto Velho-RO, Brasil.

- Epidemiol e Serviços Saúde. SciELO Public Health; 2015;24:399–410.
98. Sobre QS, Interessantes L. Dependência química é uma doença ? Informativo Cadastre seu email e receba as atualizações Localização. 2019;1–2.
 99. Porath-waller AJ, Beasley E, Beirness DJ. A Meta-Analytic Review of School-Based Prevention for Cannabis Use. 2010;XX(613):1–15.
 100. Dias EF. O processo de desenvolvimento do professor no contexto do uso das drogas na fase da adolescência. Universidade Federal de Goiás; 2015;
 101. Pires RR, Ximenes VM. Sentidos sobre o uso de drogas construídos por psicólogos: implicações práticas. Rev Psicol da UNESP. Faculdade de Ciências e Letras de Assis; 2014;13(2):41–51.
 102. Cheong J, Tucker JA, Simpson CA, Chandler SD. Time horizons and substance use among African American youths living in disadvantaged urban areas. Addict Behav. Elsevier; 2014;39(4):818–23.
 103. Jonkman H, Steketee M, Tombourou JW, Cini K, Williams J. Community variation in adolescent alcohol use in Australia and the Netherlands. Health Promot Int. Oxford University Press; 2012;29(1):109–17.
 104. Francisco P, Leo D. Prevención del consumo problemático de drogas en la escuela: 2013;695–703.
 105. da Silva ABS, Rodrigues W. Cartilhas do PROERD: Material de Apoio Pedagógico. Porto das Let. 2016;2(3):111–22.
 106. de Araújo Bottechia JA, Martins J do NR, de Souza MLP, Lessa MB, Watanabe DRJ. A prevenção e a política sobre drogas em escolas públicas do Distrito Federal. Argumentum. Universidade Federal do Espírito Santo; 2015;7(1):126–37.
 107. Sudbrack MF, Conceição MIG, Costa LF. Curso de Prevenção do uso de drogas para educadores de Escolas Públicas. Brasília: Gráfica e Editora Movimento Ltda; 2014.
 108. Júnior WAR, de Souza RG, da Cruz ERB, Leite AG, Almeida LM. PREVENÇÃO AO USO DE DROGAS NO AMBIENTE ESCOLAR: AÇÕES DO PIBID NO PROCESSO DE SENSIBILIZAÇÃO E CONSCIENTIZAÇÃO. Carpe Diem Rev Cult e Científica do UNIFACEX. 2016;14(1 esp.):31–42.
 109. Tobler NS, Roona MR, Ochshorn P, Marshall DG, Streke A V, Stackpole KM. School-based adolescent drug prevention programs: 1998 meta-analysis. J Prim Prev. Springer; 2000;20(4):275–336.
 110. Dusenbury L, Brannigan R, Falco M, Hansen WB. A review of research on fidelity of implementation: implications for drug abuse prevention in school settings. Health Educ Res. Oxford University Press; 2003;18(2):237–56.
 111. Farrugia A. Ac ce p te d t. Int J Drug Policy [Internet]. Elsevier B.V.; 2014; Available from: <http://dx.doi.org/10.1016/j.drugpo.2014.04.019>

APÊNDICE A



Universidade de Brasília
Faculdade de Ceilândia - FCE

Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias em Saúde – PPGCTS
USO DE ALCOOL E OUTRAS DROGAS EM ESCOLAS PÚBLICAS: PERCEPÇÕES E AÇÕES
DOS DOCENTES

Lara Patrícia de Lima Cavalcante

Roteiro para Entrevista

IDENTIFICAÇÃO PESSOAL

17. Nome completo (usar somente as iniciais): _____
18. Data de nascimento: _____
19. Sexo: F(0) M (1)
20. Maior Escolaridade: (0)ensino fundamental (1)ensino médio (2)graduação (3) pós graduação *strictu sensu* (mestrado / doutorado; especialização não conta).
21. Tempo de atuação como professor do Ensino Médio (anos/mês): _____
22. Tempo de contrato ou concurso com a Secretaria de Educação do Estado de Goiás: _____
23. Disciplinas que leciona: _____
24. Qual sua renda familiar mensal (incluindo a renda do/a seu/ua companheiro/a ou de outra pessoa que vive na mesma casa que você e com quem você divide as despesas)?
- () Até 1 salário mínimo (R\$954,00)
- () De 1 a 4 salários mínimos (até R\$3.816,00)
- () De 4 a 8 salários mínimos (até R\$7.632,00)
- () Mais de 8 salários mínimos
25. Durante sua formação como docente você possuiu capacitação para lidar com estudantes que fazem o uso de álcool e outras drogas?
26. Durante a sua vida profissional como professor(a) você já ministrou aula para estudante(s) que faziam uso de álcool e outras drogas?
- () Sim* () Não
27. *Se sim, qual foi sua atitude para com este(s) estudante(s)? Você o abordou para conversar?
28. Na sua opinião, quais são os fatores (motivo, causa, razão) que levam os estudantes a utilizarem álcool e outras drogas?
29. Na sua opinião, o que os estudantes buscam ao fazer uso de álcool e outras drogas?
30. Você saberia identificar (por nome, tipo e atuação no Sistema Nervoso Central) as drogas, incluindo o álcool, que seus estudantes já utilizaram ou utilizam apenas observando o comportamento do estudante?
- Se sim Quais sinais e sintomas fizeram você chegar a essa conclusão?
31. Na sua opinião, você acredita os estudantes que fazem uso de álcool e outras drogas serão dependentes da substância no futuro?
32. Você considera que o comportamento do estudante que utiliza álcool e outras drogas difere dos demais estudantes dentro da prática pedagógica? Como você chegou a essa conclusão?

- 33.** Na prática de sala de aula qual a sua percepção sobre os estudantes que utilizam álcool e outras drogas?
- 34.** Aqui na sua escola, quais ações já foram ou são realizadas para a prevenção do uso de álcool e outras drogas?
- 35.** Quando algum estudante é identificado como usuário de álcool ou de outras drogas, qual é a conduta da escola em relação a ele?
- 36.** Você se sente capacitado(a) para conversar com o(s) estudante(s) que faz uso de álcool ou de outras drogas?

Julgamento

- 37.** Você acha que o(s) estudante(s) que faz(em) uso de álcool ou de outras drogas tem uma doença?
(0) Provavelmente sim (1) Não tenho certeza (2) Provavelmente não
- 38.** Você acha que o(s) estudante(s) que faz(em) uso de álcool ou de outras drogas é moralmente fraco?
(0) Provavelmente sim (1) Não tenho certeza (2) Provavelmente não
- 39.** Você acha que o(s) estudante(s) que faz(em) uso de álcool ou de outras drogas é um perigo para a sociedade?
(0) Provavelmente sim (1) Não tenho certeza (2) Provavelmente não
- 40.** Você acha que o(s) estudante(s) que faz(em) uso de álcool ou de outras drogas é tão importante quanto qualquer outra pessoa?
(0) Provavelmente sim (1) Não tenho certeza (2) Provavelmente não
- 41.** Você acha que o(s) estudante(s) que faz(em) uso de álcool ou de outras drogas poderia cometer delitos a sua família?
(0) Provavelmente sim (1) Não tenho certeza (2) Provavelmente não

ANEXO A

UNB - FACULDADE DE
CEILÂNDIA DA UNIVERSIDADE
DE BRASÍLIA

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: Uso de Álcool e Outras Drogas em Escolas Públicas: Percepções e ações dos docentes

Pesquisador: Lara Patrícia de Lima Cavalcante

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 86530818.8.0000.8093

Instituição Proponente: PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS EM

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.697.503

Apresentação do Projeto:

De acordo com o Ministério da Saúde, a adolescência corresponde à faixa etária entre 10 e 20 anos, dentre esses os primeiros contatos com o álcool e outras drogas ocorrem, geralmente, durante esse período, no qual as estruturas cerebrais responsáveis pela percepção temporal, pelo controle de impulsos estão ainda em amadurecimento, e o uso pode acontecer simultaneamente a outros entorpecentes. As escolas têm vivenciado um aumento da agressividade e violência. O uso abusivo de drogas psicotrópicas retroalimenta a violência está associado com bullying para ambos sexos. Também, os jovens que fazem esse uso apresentam maior agressividade, estão menos predispostos ao estudo e são mais desatentos. Para ampliar a compreensão sobre prevenção no ambiente escolar, é necessário conhecermos as ideias, valores, sentimentos e a visão de mundo que os educadores possuem em relação às drogas, a seus usuários e ao papel da família e da escola. O objetivo desse trabalho é analisar e descrever percepções e ações dos docentes quanto ao uso de álcool e outras drogas de estudantes das escolas públicas de uma cidade do entorno do Distrito Federal. Os participantes do estudo serão docentes da rede pública que ministrem aula para o ensino médio da cidade de Águas Lindas de Goiás – GO. Será um estudo descritivo com abordagem qualitativa. Os dados serão coletados durante o período de seis (6) meses. Serão incluídos: professores efetivos e professores que exerçam cargo de gestão dentro da escola e que tenham contrato de no mínimo 1 (um) ano na instituição/Estado, já os excluídos do estudo serão aqueles: professores em gozo de férias ou de licenças. O estudo ocorrerá em duas fases: Fase I: A

Endereço: UNB - Prédio da Unidade de Ensino e Docência (UED), Centro Metropolitano, conj. A, lote 01, Sala AT07/66

Bairro: CEILÂNDIA SUL (CEILÂNDIA)

CEP: 72.220-900

UF: DF

Município: BRASÍLIA

Telefone: (61)3107-8434

E-mail: cep.fce@gmail.com

UNB - FACULDADE DE
CEILÂNDIA DA UNIVERSIDADE
DE BRASÍLIA



Continuação do Parecer: 2.697.503

identificação dos participantes; Fase II: realização de grupo focal. Resultados esperados: Sensibilização do grupo sobre as questões das drogas em sua vida, na sala de aula e na escola, ajudar o grupo a repensar suas atitudes diante das questões relacionadas as drogas e conscientizá-los para facilitar a percepção do grupo acerca de mitos e preconceitos relacionados além de participação direta nas atividades de prevenção ao uso indevido de drogas no ambiente escolar.

Objetivo da Pesquisa:

Analisar e descrever percepções e ações dos docentes quanto ao uso de álcool e outras drogas de estudantes das escolas públicas de uma cidade do entorno do Distrito Federal.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: A pesquisa apresenta risco de constrangimento e expressão de emoções decorrentes da lembrança de situações vivenciadas envolvendo o uso de álcool e outras drogas, e para minimizar o risco será feito uma pausa na entrevista, e caso necessário à sua interrupção.

Benefícios: Os benefícios para o participante se darão de forma indireta ao contribuir para o mapeamento da prática docente sobre a temática que subsidiaram a elaboração de material com estratégias na abordagem de estudantes em uso de álcool e outras drogas que serão disponibilizados nas escolas por meio eletrônico (e-mail).

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de projeto de pesquisa no âmbito da pós-graduação, nível mestrado que tem como objetivo analisar e descrever percepções e ações dos docentes quanto ao uso de álcool e outras drogas de estudantes das escolas públicas de uma cidade do entorno do Distrito Federal.

Os participantes da pesquisa serão professores e gestores de escolas públicas do município de Águas Lindas-GO. A metodologia será qualitativa tendo como técnica de coleta de dados entrevista semi estruturada, grupo focal, com aplicação de pré-teste e pós-teste após a realização dos grupos focais e reavaliação (acompanhamento).

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os documentos foram adequadamente apresentados.

Endereço: UNB - Prédio da Unidade de Ensino e Docência (UED), Centro Metropolitano, conj. A, lote 01, Sala AT07/66
Bairro: CEILÂNDIA SUL (CEILÂNDIA) **CEP:** 72.220-900
UF: DF **Município:** BRASÍLIA
Telefone: (61)3107-8434 **E-mail:** cep.fce@gmail.com

**UNB - FACULDADE DE
CEILÂNDIA DA UNIVERSIDADE
DE BRASÍLIA**



Continuação do Parecer: 2.697.503

Recomendações:

Retirar do objetivo primário das IBP escolas privadas. "Objetivo Primário: Analisar e descrever percepções e ações dos docentes quanto ao uso de álcool e outras drogas de estudantes das escolas públicas e privadas de uma cidade do entorno de Brasília - DF".

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem pendências.

Considerações Finais a critério do CEP:

Protocolo de pesquisa em consonância com a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Cabe ressaltar que compete ao pesquisador responsável: desenvolver o projeto conforme delineado; elaborar e apresentar os relatórios parciais e final; apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento; manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período de 5 anos após o término da pesquisa; encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico integrante do projeto; e justificar fundamentadamente, perante o CEP ou a CONEP, interrupção do projeto ou a não publicação dos resultados.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1086865.pdf	30/05/2018 12:30:35		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoMestrado.docx	30/05/2018 12:28:27	Lara Patrícia de Lima Cavalcante	Aceito
Recurso Anexado pelo Pesquisador	carta_para_encaminhamento_de_pendencias.pdf	30/05/2018 12:26:00	Lara Patrícia de Lima Cavalcante	Aceito
Cronograma	Cronograma_versao2.pdf	30/05/2018 11:51:40	Lara Patrícia de Lima Cavalcante	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.doc	30/05/2018 11:47:51	Lara Patrícia de Lima Cavalcante	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Mestradoversao2.docx	30/05/2018 11:47:10	Lara Patrícia de Lima Cavalcante	Aceito

Endereço: UNB - Prédio da Unidade de Ensino e Docência (UED), Centro Metropolitano, conj. A, lote 01, Sala AT07/66

Bairro: CEILANDIA SUL (CEILANDIA)

CEP: 72.220-900

UF: DF

Município: BRASILIA

Telefone: (61)3107-8434

E-mail: cep.fce@gmail.com

UNB - FACULDADE DE
CEILÂNDIA DA UNIVERSIDAD
E DE BRASÍLIA



Continuação do Parecer: 2.697.503

Outros	termo.pdf	28/03/2018 20:27:50	Lara Patrícia de Lima Cavalcante	Aceito
Outros	Termo_de_cooparticipante.pdf	28/03/2018 20:25:00	Lara Patrícia de Lima Cavalcante	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto_CEP.pdf	28/03/2018 20:19:25	Lara Patrícia de Lima Cavalcante	Aceito
Outros	CurriculoLARA.pdf	19/03/2018 18:31:28	Lara Patrícia de Lima Cavalcante	Aceito
Outros	CurriculoAndrea.pdf	19/03/2018 18:30:46	Lara Patrícia de Lima Cavalcante	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Termoderesponsabilidadeecompromisso.pdf	18/03/2018 16:24:54	Lara Patrícia de Lima Cavalcante	Aceito
Outros	CartadeencaminhamentoaoCEP.pdf	18/03/2018 16:23:14	Lara Patrícia de Lima Cavalcante	Aceito
Orçamento	Orcamento.pdf	16/03/2018 16:21:31	Lara Patrícia de Lima Cavalcante	Aceito
Outros	cartaencaminhprojeto_ao_cepfce.doc	16/03/2018 15:22:38	Lara Patrícia de Lima Cavalcante	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BRASILIA, 07 de Junho de 2018

Assinado por:
Dayani Galato
(Coordenador)

Endereço: UNB - Prédio da Unidade de Ensino e Docência (UED), Centro Metropolitano, conj. A, lote 01, Sala AT07/66

Bairro: CEILANDIA SUL (CEILANDIA)

CEP: 72.220-900

UF: DF

Município: BRASILIA

Telefone: (61)3107-8434

E-mail: cep.fce@gmail.com